3 1761 06185802 3

X 4313

RIACHUELO

POEMA EPICO EM 5 CANTOS

POR

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA

QUARTA EDIÇÃO.—8º MILHEIRO

RIO DE JANEIRO
Officina de Obras do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.
1904

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

O Conselho de Instrucção em 1896 admittio o poema «Riachuelo» para uso das Escolas Municipaes.

Ao Illm. e Exm. Snr.

Barão do Amparo

Joaquim Gomes Leite de Carvalho

Pedi permissão ao Exm. Snr. Barão do Ampàro para ligar o seu nome respeitavel a esta 4ª edição do meu humilde livro, certo de que a abrigava á sombra protectora de um nome, por todos os titulos, respeitavel.

Era meu desejo valorisar ao menos uma pagina do meu livro, e S. Exa. m'o satisfez com a grandeza d'alma, que o distingue, e que nivela os merecimentos, sem attentar na fraqueza d'elles, como costuma usar com todos.

Lêde :

«Illm. Am. e Sr. Luiz José Pereira da Silva.

«Vassouras, 25 de Novembro de 1904.

«Muito me desvanece e profundamente me sensibilisa a sua «affectuosa lembrança de me dedicar a 4ª edição do seu bello «poema *Riachuelo*. Acceito de coração tão honrosa dedicatoria, «prova da nossa velha amisade de 54 annos, sempre sincera, e que «nunca foi empallidecida sequer por leve nuvem contraria.

«.....

«Meus respeitos á sua presada familia e acceite um abraço do «seu amigo. — *Amparo.*»

POEMA

PROLOGO

DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Vaidade, arrojo, temeridade, ou loucura, ahi vai o meu poema.

O assumpto é grande e magestoso. A batalha do Riachuelo é o mais brilhante episodio dessa guerra cruenta que movemos ao governo de um povo tão infeliz, quanto bravo; tão cego pelo fanatismo que lhe tranca as portas do progresso, quanto ingrato aos sacrificios e protecção, que a generosidade de seus vizinhos lhe dispensou sempre. A batalha do Riachuelo é o mais brilhante feito de armas maritimo que a historia contemporanea registra; e no futuro, quando a gloria do Brazil tiver de ser confessada, se a historia se lembrar de estabelecer a comparação, se memorar a grandeza do Trafalgar, ella dirá com verdade que alli houve náos, almirantes, muito valor, muito heroismo; scenas ensanguentadas de destruição e morte, e um mar immenso a echoar da voz potente de canhões soberbos; mas ha de dizer tambem que a batalha do Riachuelo teve scenas magestosas de horror, e bellas de heroismo, como a historia não registrou ainda; que a estreiteza do campo em que se movia uma pequena divisão de muito pequena esquadra antes augmentou, do que diminuio a grandeza de taes scenas; e, que os échos do Trafalgar não estremecêrão de certo a oretintim de tantos duélos vivos; nem os bravos de Nelson virão-se impedidos de empregar o fuzil, quando os punhaes e os sabres lhes rasgavão os peitos, ou retalhavão as carnes.

Vozes são estas de minha consciencia, que o poema não repetio inteiras. Sou brazileiro, escrevi sobre um feito contemporaneo, e medroso e timido, não quiz affrontar os mares tempestuosos onde se debatem as preferencias partidarias, e fugi á pecha de exagerado.

Considerei tambem minhas forças, e fugi de cahir no ridiculo, alteando, engrandecendo os feitos, e rastejando o estylo.

Não venha ainda assim dizer-me alguem o que de ha muito sei; não venha repetir o que me ensinou a consciencia, relendo a sua obra:

— A aspiração foi arrojada; a gloria do Riachuelo não foi cantada; os grandes feitos dos nossos bravos marinheiros pedião versos eloquentes; genio de poeta para cantal-os, a lyra de Porto-Alegre para immortalisal-os.

Não me dirão novidade; antes de escrever eu tinha a convicção de que não me sahiria bem da empreza; depois que escrevi, sobra-me a certeza de me ter sahido muito mal.

Entretanto, publico o meu poema, e publico o meu nome. Quero para mim a responsabilidade dos seus erros, e não me hade amargar a censura pelo arrojo.

Uma e outra, já de antemão vejo compensadas. Alguem, no caso de escrever sobre a batalha do Riachuelo, se lembrará de o fazer, arrependendo-se de o não ter feito.

O estimulo virá do meu poema, e desse estimulo a minha gloria.

Estou tranquillo.

Rio, Julho de 1865.

Á

ESQUADRA BRAZILEIRA

Canto Primeiro

RIACHUELO

CANTO PRIMEIRO

I.

Eu canto os bravos da brazilea armada
Que de havel-os por próle a patria exulta.
Por estes negra affronta foi vingada
Em paga dando a vida a gente stulta.
Ainda róla, e desce ensanguentada
Do rio a onda, em cuja riba inculta
Da pugna horrivel os destroços restão,
Que o seu valor ao mundo, claro, attestão.

II.

Erga-se altivo o coração no peito,
São seus os louros que o Brazil conquista !
Erga-se altivo, pois tamanho feito
Nem dos gregos heroicos mesmo dista ;
E no mundo achará talvez conceito
Que descripto bem póde ser na lista,
Onde Roma vetusta as tradições
Orgulhosa gravou dos Scipiões !

III.

De enthusiasmo nobre, ardentes flammas
De interna e clara luz, vem tu, sagrado
Amor da patria, que minh'alma inflammas,
E inspira-me ; direi porque assombrado
O mundo pasma, vendo, á luz das chammas
D'essa gloria, sumir-se, de offuscado,
O gigante clarão, que se amortece,
Da historia do passado, que o engrandece.

IV.

Pois se outr'ora fugindo á lei da morte,
Por mares nunca d'antes navegados,
Da nobre e lusa gente a armada forte,
Contra fracos imigos, e atrasados,
As quinas levantando ao sul e ao norte,
Colheu louros virentes, invejados,
Onde louros que bastem, se dos bravos
Um somente combate quatro escravos?

V.

Nem bastão louros para a fronte illustre
Do novo Nelson, que demanda os astros!
Nem basta a fama que lhe iguale o lustre
De feitos immortaes dos lusos Castros;
Que d'estes Lysia treme os não deslustre
Hodiernos feitos, junto aos altos mastros
Do *Amazonas*, que eleva ennobrecido
Brazileiro pendão jamais vencido.

VI.

Diga, pois, o meu canto a gloria inteira,
Da peleja nas aguas alcançada :
Da livre e nobre gente brazileira
O valor, a coragem sublimada ;
Diga as scenas, que vio a canhoneira,
Na luta desigual, encarniçada,
Parnahyba valente, que acobarda
Outra fama qualquer que a historia guarda.

VII.

Nem esqueça a façanha temeraria,
Maravilha do mundo jamais vista,
Temor e pasmo grande da contraria,
Imiga multidão, a quem contrista
Ver a inerme canôa, e fraca, e vária,
Na corrida, que aos seus afasta e dista,
Sorrir do bronze ás trovejantes fallas,
Romper mil nuvens de incendidas balas.

VIII.

Os nomes eu direi dos marinheiros
Horror da morte, do universo espanto ;
Pois de mortos se a morte faz celleiros,
Como aquelles não póde a morte tanto,
Cujos golpes, ferindo, vão certeiros
Dos imigos tirar o sangue e pranto,
Cujos braços erguidos e as espadas
A vida dão tambem aos camaradas.

IX.

E todos em meus versos decantados
Passaráõ depois desta a nova idade,
Qu'inda sendo por mim mal celebrados
Não perdem seu direito á eternidade.
É assim que do mundo venerados
Inda vivem da nossa liberdade
Os martyres Gonzaga e Tira-Dentes,
Sem viverem em versos eloquentes.

X.

Ao sul da terra livre do Cruzeiro
Sereno corre o Prata magestoso ;
É talvez dentre os rios o primeiro
Nas aguas, e no curso impetuoso,
Sem nascente ; pois corre do estrangeiro
Uruguay, e dizer-vos eu não ouso
Se delle e Paraná as aguas todas
No Prata convertêrão doces bodas.

XI.

Mas antes da juncção irado desce
O Paraná que traz pejado o seio ;
Cuja vaga manchada inda enrubesce
Do sangue dos imigos rubro e feio,
E sente que no fundo o lôdo cresce
De Paraguais o fundo tendo cheio.
É lá, sem que eu procure descrevel-o,
É lá mesmo o famoso Riachuelo.

XII.

D'alli bem junto quasi Corrientes
Amostrava-se aos olhos profanada;
Alli um só punhado de valentes
Deu nova fama e lustre á patria amada;
Alli do meu Brazil os combatentes
A' causa da alliança contractada
Deram sangue; ganhou a liberdàde,
Com elles triumphou a humanidade.

XIII.

Era no sexto mez, lá quando o signo
O nome traz de Cancer nomeado.
Esta data, em que foi, aqui consigno,
Pois tenho que do mundo deslembrado
Não deve de tal feito grande e digno
O espaço glorioso ser calado:
Já quarenta e quatro annos decorrido
Tinham, depois do imperio constituido.

XIV.

Quando o undecimo sol raiava apenas,
Do rio imigo a face mal doirando,
Garças em pouso, as solidões amenas,
Os horizontes longe devassando,
No fundo as ancoras, aguas serenas,
Que lindo quadro a natureza ornando,
Não era a esquadra a desdobrar fagueira
Da brisa ao sôpro a nacional bandeira !

XV.

No convés a maruja tristemente
N'aquella melancolica toada
Que de rude nos move e de innocente,
As saudades da patria suspirada
Cantando consolava docemente.
Dos capitães á ré compartilhada,
Quanta doce esperança renovava,
Quantas magoas e dôres não lembrava !

XVI.

E n'esse afastamento em que jazião,
Para sempre, quem sabe, separados
De tudo que na terra amado havião,
Ora os prantos maternos renovados,
Ora os braços amigos os prendião.
Vendo assim seus pezares augmentados,
Pois o peito ao partir-se mais padece
Quanto mais dos afagos se enternece.

XVII.

Um lembra o patrio crystallino Rio,
Aonde Nictheroy as plantas banha ;
O forte que aos imigos já servio,
Quando astucia ou traição somente o ganha ;
Este o monte onde o templo se erigio,
O mesmo, que mandava á gente estranha
A morte renovada nos pelouros,
E reparte da fé hoje os thesouros.

XVIII.

De cada filho ausente cada parte
Da cidade e contornos é lembrada :
Pedregoso gigante, que reparte
Por montes e por mares, de arrojada,
A sombra, que tristezas nunca farte,
Em negra côr transforma a azulada
Côr do bosque, da onda, e côr do céo,
Qual n'um rosto formoso um negro véo.

XIX.

O pequeno tambem e sacro outeiro,
Onde vai a piedosa romaria
A gloria celebrar ; e o derradeiro
Baluarte, que a terra defendia,
Que dos dous arsenaes está fronteiro ;
A linda Paquetá, que já não via
Aquella grande magoa immerecida,
Que ao velho pai da patria encurta a vida.

XX.

Por tal modo revive em cada mente
Lembrança do lugar em que nasceu ;
De onde um dia partíra de repente
Quando o grito de guerra a patria deu,
E buscando onda imiga e inclemente
Da esquadra cada vaso se moveu ;
Até que alli unidos na coragem
Unida nelles vive a patria imagem.

XXI.

Do triste, deleitoso sentimento,
Que o peito nobre a todos dominava,
Não era o chefe mesmo então isento,
Pois d'elle a Gustavino praticava.
E sendo seu consôlo e seu tormento
A saudade que n'alma lhe morava,
Da verde Guanabara assim dizia,
Ao pratico estrangeiro, que o ouvia :

XXII.

Da peninsula grande, que illustrou-se
Da lyra do Mantuano, e da desdita
D'aquelle illustre Tasso, que finou-se
Nas cadeias do amor, e na maldita
Prisão, que em cadafalso transformou-se,
Navegando, passaste a terra invicta,
Cuja gala e riqueza viu primeiro
Gonçalo, capitão aventureiro.

XXIII.

A' testa da esquadrilha luzitana,
Que por vêr novas terras foi mandada
De Lysia, que se erguêra soberana
Dos mares do Oriente, e da afamada
Terra, que o nome guarda de africana,
Gonçalo, vendo a barra franqueada
Do rio, que outrem d'antes nunca vira,
Deu-lhe o nome do mez, que o descobrira.

XXIV.

Assim o erro dura, que appellida
A onda salsa o Rio de Janeiro ;
Assim é por tal nome conhecida
A cabeça do imperio brasileiro.
Ahi Martim de Souza, enriquecida
Vendo a matta, levanta um estaleiro,
Aonde vasos novos se construem
Em lugar de outros lusos, que se allúem.

XXV.

Vai do Atlantico até tocar nos Andes,
Do Oyapock, ao norte, até ao Prata,
Paiz dos montes, e dos rios grandes,
Onde a fertil natura se dilata
Nos valles e nas minas ; onde mandes
Aportar cubiçosa, qual pirata,
Cada velha nação da culta Europa,
Que em troco da cubiça a morte topa.

XXVI.

Ao mesmo tempo cobrem-n'o as tres zonas ;
Do mundo os climas todos o enriquecem ;
Ao rei, gigante immenso, ao Amazonas,
Do proprio mar as aguas obedecem ;
As guerreiras, d'aquellas margens donas,
Pisão relvas, que eternas reverdecem ;
E sempre os naturaes os membros deitão
Em camas de verdura, que os deleitão.

XXVII.

Assim no centro, ao sul, assim á léste,
Onde os mares povôão verdes ilhas ;
Onde a costa da mesma côr se veste ;
Onde os olhos descobrem maravilhas
Da virgem natureza, que de agreste,
As bellas artes vence, humanas filhas ;
Assim no occidente, aonde os montes
Escondem-nos á vista os horizontes.

XXVIII.

Nas entranhas as veias são jazidas
Bem cheias de ouro em pó ; são fartas minas
De carvão e de joias escondidas,
Rubís, topazios, ouro, esmeraldinas
Pedras brilhantes, raras e queridas ;
Cobre, enxofre, crystaes, e quantas finas
Raridades produz extranha terra,
Tudo o fertil Brazil em si encerra.

XXIX.

Inda o reino animal, que a variedade
Disputa com os dous, e opulencia ;
Do terreno fecundo a uberdade,
Das aguas a notavel excellencia ;
A grandeza por fim, e a nova idade
Proclamão toda a grande competencia
Da feraz região abençoada,
Das luzes do Cruzeiro illuminada.

XXX.

Todo o sólo era em posse do gentio
De estatura robusta e larga face.
A côr do cobre a pelle revestio
Porque talvez ao tempo se criasse,
Talvez porque no corpo consentio
A nudez natural ; e só usasse
A tanga que chamava de enduape,
E os cocares de plumas, acanguape.

XXXI.

Com tintas o desenho todo feito,
Os emblemas trazia das victorias
No semblante, nos braços, e no peito.
Ao quadro das cruezas o das glorias
Juntava-se de modo tão perfeito,
Que de todos contavão as memorias,
Sem saber-se qual era justo alarde.
Se a fama de valente, ou de cobarde.

XXXII.

No manejo das armas adestrado,
De rêdes, barro e junco a industria usava ;
Á caça e pescaria acostumado,
O sólo ao mesmo tempo cultivava ;
Hospitaleiro e franco ; se enganado,
Feroz, cruel, astuto, se mostrava ;
Em todo o resto, nobre e generoso,
Dos males e da morte descuidoso.

XXXIII.

Por doze donatarios dividido,
Começára o paiz de povoar-se.
Sendo aqui por afagos seduzido
Acolá por astucias, ou disfarce,
O gentio tiverão submettido ;
Não consegue, porém, jamais firmar-se
O capitão de Góes, porque lhe traz
Affronta e damnos mil o Goytacaz.

XXXIV.

Junto do Parahyba, o rio amado,
Patrio ninho de Olnarcia e seu cantor,
O capitão havia já fundado
A villa da Rainha, e já senhor
De trinta leguas era para o lado ;
Mas eis que de repente o estridor
Da inubia soltou signal de guerra
E de gentios se cobriu a terra.

XXXV.

A peleja de morte não se adía :
Emquanto que a distancia os separava,
Do arco despedida a *huí* zunia ;
Depois a tangapema o ar cortava,
Que só de um golpe os corpos abatia
Do imigo, que sem vida se prostrava ;
Vinga assim o caboclo a offensa dura
De quem, amigo, houvera a paz segura.

XXXVI.

Salvaram-se fugindo Pero e poucos.
Já, signal de que mais se não peleja,
O toré e o memby, rangendo roucos,
O maracá precedem, que troveja.
Os indios saltão, pulão, gritão loucos,
E d'esse modo o Goytacaz festeja
A victoria, que traz a aiucara,
Collar de imigos dentes, prenda rara.

XXXVII.

D'esses, dos Guaranys, das tribus varias
Que povoavão todo o territorio,
A raça se cruzou com as contrarias :
Com esta, que passou o Tormentorio
Por feitos e proezas temerarias,
Com aquella, que guarda o rico emporio
Do commercio do mundo e estaleiros,
De todas descendendo os brazileiros.

XXXVIII.

Cada raça cruzada mais se apura
Quanto mais das origens afastada.
Vejo, pois, esta gloria já segura
De ter ao meu commando confiada
A gente d'esta esquadra ; e por ventura
De levar nova fama á patria amada,
Se vem extranha força, sem receio,
Por livrar estas aguas do bloqueio.

XXXIX.

Barroso disse, disfarçando as dôres
Que a ausencia lhe trazia ao forte peito.
Assim entre a maruja nos vapores
Pagavão todos da saudade o preito ;
Os moços praticando só de amores,
Os mais velhos de algum guerreiro feito ;
Os vasos parecendo que escutavão,
Tão tristes, mansamente se embalavão.

XL.

Canhoneiras gentis, que assim cuidosas
Chorais da patria tão custosa ausencia,
Pagando os prantos que vos dão formosas,
Saudade meiga, que é mais pura essencia,
Melhor, mais doce, que não têm as rosas,
Esváe-se est'hora. Flaccida indolencia
Se mude em fogo, que o valor resuma,
Que escuro ao longe no horizonte fuma.

XLI.

E aquelle doce enlevo foi quebrado
Da forte voz possante do gageiro,
Sentinella da gavea alli postado,
Que, longe vendo o *Taquary* primeiro,
Mandou a toda a frota ingente brado,
Outro logo depois, depois terceiro,
Que navios quatorze numeravão
Do Paraguay, que os nossos demandavão.

XLII.

« Paraguayos á vista ! Toca a postos ! »
Do *Amazonas*, altivo, brada o forte
Barroso invicto. Já signaes compostos
Na mezena de ré, que aponta ao norte,
Todos encontrão a vencer dispostos,
Ou na lucta a ganhar honrosa morte.
E são quatorze os vasos inimigos,
Que aos nossos nove vêm trazer perigos.

XLIII.

E vem armados de terriveis bôccas
A despejar trovões, e fogo, e fumo,
Bronzeadas machinas, raiadas, ôcas,
Que tanto alcanção que eu até presumo
Iguaes a esquadra contaria poucas.
Na prôa o pratico a sondar co'o prumo,
Por que nos baixos, onde existe a areia,
Não toque o vaso que na vaga ondeia.

XLIV.

Preparar manda o chefe audaz combate:
Apita o guardião, rufão tambores;
Então o nobre orgulho nem se abate
Nos semblantes virís dos defensores
Da patria, cuja fama se dilate
N'esse dia em que os bravos vencedores
Aprestem seus serviços e cuidados
Aos feridos imigos derrotados.

XLV.

Esta fama aos soldados deshumanos
Não pertence; que nelles se reprova
Negros feitos de barbaros Solanos,
Negra usança, que as épocas renova
Dos antigos terriveis musulmanos.
Inda bem que tal fama sendo nova,
Para a patria gentil, que se cobiça,
Da Europa já convida a sã justiça.

XLVI.

Ao signal levantado na mezena
Toda a esquadra prepara-se folgando;
Tal commanda que aos seus alegre ordena
Arrear portinholas, ir armando,
Mensageiras da morte, dôr e pena,
Nobres armas que fallão trovejando,
Sentindo do morrão o fogo accêso,
Ou antes do martello o nobre peso.

XLVII.

Vem descendo no entanto, vem já perto
O contrario naval poder inteiro.
Do cantor dos Tymbiras foi bem certo
Aquelle natural dizer guerreiro
Que o negro monstro descantou coberto
De cipó e de embira. Verdadeiro
Arcabouço marinho, monstro horrendo,
Basta selva, sem folhas, vem descendo.

XLVIII.

Barroso, invicto chefe, que mandava
Os vasos e marujos brazileiros,
No vapor *Amazonas* embarcava,
Cujos bravos duzentos marinheiros
Theotonio de Brito commandava,
Trabalhavão velentes artilheiros
Oito peças modernas e carretas
De lustroso verniz e côres pretas.

XLIX.

O vaso o nome teve do gigante
Rio immenso, que todo o norte fecha,
Mar, que do poente vem, vai ao levante,
Mar sem praias, sumida a terra deixa,
E em si contém o céo, e o sol flammante.
Rio sem margens, o infinito enfeixa,
Ruge na foz a eterna catapulta,
E oceanos d'agua doce o mar sepulta !

L.

Troncos, florestas traz de envolta o bojo
Do gigante, de areia, e monstros cheio.
Das igáras do indio vêde o arrojo,
Que vão das aguas ao revolto seio
Na caçada de monstros, que de rojo
Levam á fisga presos, quaes no freio
Vão domados corcéis das Amazonas
Que combatem com lanças e adargonas.

LI.

Não diz a historia, nem referem lendas
Que o campo de batalha desertassem ;
Que se occupem de amor nas vãs contendas,
Que as da guerra ao contrario as embaracem.
Só das armas conhecem jogo e prendas,
E entre as tribus guerreiras, onde nascem,
Dos incas fortes o viver aprendem :
Matam o imigo, morrem, não se rendem.

LII.

Com a insignia do chefe Segundino
Segundo, depois desse, segue o vaso
Jequitinhonha desditoso e dino.
A sorte lhe guardava o triste caso,
Pois eu a mais ninguem a culpa inclino,
De tocar mais abaixo em fundo raso,
Quasi louco tornando, ou delirante,
O bravo e douto Pinto commandante.

LIII.

Interino mandava na *Belmonte*
Abreu, que fez prodigios de bravura.
E n'esta, como n'outra, os bronzes conte
Quem de oito contará porção segura.
E tantos veja, com que o imigo affronte,
Pondo os olhos naquella mais escura,
Parnahyba, da qual a fama excede
Toda a antiga que a outrem se concede.

LIV.

Era nella a vontade respeitada
D'aquelle heróe que nella governava,
Cuja fama por mim será cantada,
E se estenda nas terras onde lava
O Tibre, Sena, o Tejo, o Nilo e cada
Antigo ou novo rio que se encrava
No paiz mais remoto ; e não prescindo
Que o nome a todas chegue de Garcindo.

LV.

Segue se *Iguatemy* á qual commanda
O moço Coimbra, capitão valente ;
Nem sómente de agora um vaso manda,
Que já serviços fez no brigue *Oriente*.
Mearim logo á pôpa veloz anda
Regida por Barbosa docemente,
E qualquer d'estas duas certo conta
Seis peças e o rodizio, que amedronta.

LVI.

Gentil *Araguary*, e a enluctada
Beberibe formosa depois seguem;
Por Hoonholtz era aquella governada
Que vencel-a os imigos não conseguem;
Esta vêdes demais desconsolada,
Mas sempre vossas lagrimas a reguem,
Que já regada foi do sangue nobre
De Sant'Anna, que a imiga terra cobre.

LVII.

Contão sete canhões as precedentes;
E agora nomear-vos resta a nona,
Cujos bronzeos, temiveis combatentes
São seis: e d'estes seis já não blazona
O sangue dos contrarios inclementes.
De ter Carvalho chefe se apavona
Ypiranga, que lembra com respeito
Da nossa liberdade o grande feito.

LVIII.

Á distancia fatal chegados erão
Da grandeza das armas reclamada ;
Logo os nossos então se deliberão
A mandar-lhes a salva provocada ;
Mas, descendo, os traidores, accelerão
Aquella prima fuga calculada,
Que depois lhes trouxera exicio e morte,
De tão negra traição bem justa sorte.

LIX.

Aberto o flanco negro de repente
Retumba nos abysmos o estampido ;
Densa nuvem de fumo vôa ardente,
Medonho brame o espaço qu'incendido
Abre a estrada ao metal, fugaz, candente ;
E em cima do contrario enfurecido
Estrondando a metralha da *Belmonte*
Ao longe accorda os échos no horizonte.

LX.

Outra nuvem de fumo, e já scintilla
Outra chamma. Nos ares freme e ruge
O zunido da bala que sibila ;
Do canhão, que troveja, e ronca, e muge,
Tanta vez o clarão fulge e rutila,
Tantas o estrondo abala, brame, estruge.
Retumba nove vezes o estampido
Mas vai longe o inimigo enfurecido.

LXI.

Logo ao choque primeiro conhecêrão
De Lopes os soldados temerarios,
Que debalde a victoria pretendêrão
Contra o esforço e coragem dos contrarios.
Quatorze vasos leves já descêrão,
E nelles de fugida os adversarios,
Que a quatro delles certo competia
Um dos nossos, que, bravo, combatia.

LXII.

Suspender manda o chefe sem demora
E nas aguas descer dos contendores.
É quando cada qual a Deus implora
O maior dentre todos os favores :
— Que inteira não se perca meia hora
Sem que á frente se movão dos traidores.
Isto feito, preparão-se contentes
Do Brazil os briosos combatentes.

LXIII.

Bem longe temerosos pensamentos,
Só lembranças felizes se apresentão
Nos corações aonde os sentimentos
Renovar a passada gloria tentão.
Como é bello o marujo em taes momentos,
Quando as armas esp'ranças agourentão
De seu nome legar á patria historia,
Conquistando immortal porvir de gloria !

LXIV.

Alegres todos elles, desejosos
De mais perto mirar os amarellos
Inimigos semblantes e raivosos,
Apinhão-se da prôa nos castellos,
Pelas bordas espalhão-se curiosos,
Mirando o aço fino dos cutellos;
Os peitos desnudados dando á brisa,
Que o tempo da demora suavisa.

LXV.

As macas alvejando collocadas
Em linha sobre a falsa borda preta,
Contrastão com a côr das amuradas,
Co'a negra côr do bronze e da carreta,
Machadinhas em ordem penduradas,
E já nos mastros, já na malagueta
Safados cabos, o convés vazio,
Stá dos nossos assim qualquer navio.

LXVI.

Os marujos de glorias anhelantes
Já longo por demais medindo o espaço,
E medindo por cyclos os instantes
De demora, ou talvez que de embaraço
No castigo aos imigos arrogantes ;
Esquecem dos trabalhos o cansaço.
Jejum do corpo, e seu destino incerto,
Por correr onde a fama encontrem perto.

LXVII.

E na esteira navegão dos contrarios
Fugitivos em busca de soccôrro ;
Pois do numero immenso dos sicarios
Quatro vezes maior, se bem discorro,
Sorrio-se a nossa gente, e temerarios
Abrigar-se lá vão ao bronzeo morro,
Que o temor e a traição do povo estulto
Junto ao rio elevou no sólo inculto,

LXVIII.

Rasgava a prôa a vaga na descida,
Vestindo-se de prata o cobre fino ;
A corrente das aguas, de vencida,
Recuar parecia em desatino.
De través ondulando revolvida,
Topando-se uma n'outra sem destino,
Sem lugar, que descanso lhe consinta,
Todo o rio fervendo quasi pinta.

LXIX.

Fida a imagem talvez dos sentimentos
Que n'alma da maruja tumultuão !
O desejo, que alonga taes momentos,
As duvidas, ou ancias, que fluctuão,
Dos corpos os incertos movimentos,
Que depois léstos vão, depois recúão,
A raiva, a impaciencia, e a vingança,
Pintal-as com verdade a onda alcança.

LXX.

A frota paraguaya na descida
Que dos nossos por ora a distanceia,
Abranda apenas a veloz corrida
Entre a barranca e um parcel de areia.
De matagaes a terra alli vestida,
Á sombra delles o canal serpeia ;
Mas sendo alli o rio estreito e raso,
Alli periga, certo, extranho vaso.

LXXI.

Da estreiteza das aguas — *Riachuelo*,
A curva assim chamou-se perigosa,
Aonde o rio forma um cotovello
E a onda a areia occulta de enganosa.
Tão pequeno canal para contel-o
O paraguayo escolhe ; onde a maldosa,
A calculada fuga suspendendo,
Conta certo que os nossos vão descendo.

FIM DO PRIMEIRO CANTO

Canto Segundo

RIACHUELO

CANTO SEGUNDO

I.

Em linha de batalha, frente a frente,
As duas forças a distancia medem ;
Na barranca do rio, á frota ingente
Trinta adversos canhões soccorro cedem ;
E a imiga gente seu valor desmente
Quando della dous mil infantes pedem
Abrigo ás sombras da floresta escura,
Que véda aos olhos a immortal bravura.

II.

Scena dolente vae passar-se agora,
Tétrica scena, lamentosa e triste !
Nem um raio de sol os céos colora
Nem branca nuvem já nos céos existe !
Jaz muda a natureza e se apavora
Do quadro horrivel, cujo horror consiste
Descer das nuvens, e pausada, e lenta,
Outra nuvem mais negra, outra sanguenta.

III.

E paira a nuvem negra e se embalança
Por sobre os vasos da brazilea armada ;
Desce depois e sempre até que alcança
Sobre as vagas pousar. Então delgada
Rasga-se a nuvem e nos ares lança
A doce e pura essencia perfumada,
Que por vezes do céo baixar costuma
Nas azas brancas da gelada bruma.

IV.

E surge aos ares uma imagem santa
De virgem meiga, mas chorosa e langue ;
Co'a dextra leve o niveo véo levanta,
E os olhos mostra a gotejarem sangue.
Tristeza pallida e cruel quebranta
As roseas flores do semblante exangue,
E aqui, e alli, na tunica alvacenta
Cada nodoa martyrios lhe agourenta.

V.

Afasta a dobra, que do eburneo seio
Recata aos olhos a pureza amena ;
Nem mago encanto, nem já doce enleio,
Só dôr amarga, só tristeza e pena
Inspira o collo de feridas cheio.
Mas falla a virgem, e na voz condemna
Quem lhe murchára de donzella as flôres,
Quem lhe rasgára aquelle céo de amores :

VI.

« Destemida phalange, mocidade,
« Aos raios creadores aquecida
« Do Cruzeiro e do sol da liberdade
« Que junto do Ypiranga foi nascida ;
« Valentes, que illustrais a vossa idade,
« Ouvi da patria amada a voz sentida,
« Que da patria aqui vêdes figurada
« A tristissima imagem malfadada.

VII.

« Matto-Grosso, que a justa fama gosa
« De rica pelos dons da natureza,
« Provincia, d'entre todas primorosa,
« Cujas faces, emblema da belleza,
« Do mar aos beijos furta cautelosa,
« Matto-Grosso definha pobre preza
« De terriveis e barbaros sicarios,
« De selvagens imigos sanguinarios.

VIII.

« Era em paz a nação quando os traidores
« Aquelle inerme vaso depredarão,
« Que o nome tendo de um dos servidores,
« Um d'aquelles que mais a patria honrarão,
« Os serviços lembrava e bons favores,
« Que entre si mutuamente se trocarão.
« E era o nome do vaso depredadò
« *Marquez de Olinda*, sempre memorado.

IX.

« A seu bordo foi feito prisioneiro,
« Posto a ferros, tratado cruelmente,
« Aquelle tão distincto brazileiro
« Por quem a patria chora tristemente.
« Sabedor da sciencia do engenheiro,
« Da escola militar facundo lente,
« Frederico de Campos, cuja sorte
« Foi mais negra talvez que a negra morte.

X.

« Por dous mil inimigos atacado
« Tres dias deu combate glorioso,
« De oitenta combatentes um punhado
« Ao mando de Carrêro valoroso.
« E tornou-se da historia memorado
« De Coimbra o grande feito tão famoso,
« Que aos vencidos deu fama e deu louvores,
« E derrota e vergonha aos vencedores.

XI.

« Não era a gente alli apercebida
« Para a lucta ; nem mesmo desta guerra
« A noticia já fôra alli sabida.
« Mas os poucos, que o forte dentro encerra,
« Em Briareus se mudão, e é seguida
« Ao invasor a carga, que o aterra.
« As mulheres ajudão, já rasgando,
« E já cartuchos novos fabricando.

XII.

« Em metro heroico breve decantado
« Será talvez de Coimbra o nobre feito,
« Pois tão alto valor, tão desusado,
« Entre os vossos terá gigante preito.
« E porque pelo mundo celebrado
« Cada nome vereis e forte peito,
« Tende que gloria tal eu não vos diga
« Porque no quadro negro só prosiga.

XIII.

« Do Paraguay as aguas se tingirão
« Com o sangue das virgens e meninos,
« E Coxim, Curumbá tambem sentirão
« Como corta o punhal dos assassinos,
« Que os sacros lares patrios invadirão
« Mais ferozes que o tigre, ou mais ferinos
« Que a damnada panthera quando o tiro
« A vida lhe arrebata n'um suspiro.

XIV.

« Inda pallido o sol a luz esconde,
« Testemunha da scena ensanguentada ;
« Inda o écho das florestas vos responde
« Das victimas a voz entrecortada,
« Qu'inda geme, e soluça, ao longe, aonde
« Existe a terra patria abençoada !
« E luto vestem só, perdido o encanto,
« O sol, a patria, a natureza em pranto !

XV.

« *Anhabahy* valente, succumbiste
« Ao numero crescido dos malvados !
« Mortalha em vida, desdobrar sentiste
« Sobre o convés, por sobre os teus soldados
« Lençol de sangue ! Miseranda e triste,
« Que nas vergas te viram pendurados
« Os rosarios de carne (horror ! meu Deus)
« Da propria carne dos marujos teus !

XVI.

« Em teu seio captivo, agonisante,
« Tombou cadaver no florir da idade
« Aquelle por quem chora terna amante
« De amores consumida e de saudade.
« Que negra, que terrivel e infamante,
« Que feia, que cruel barbaridade,
« Não foi a scena tétrica, medonha,
« Que afflige o mundo e os tempos envergonha!

XVII.

« Aquelle nobre apostolo sagrado,
« Caridoso, evangelico, que as dores
« Aos enfermos minora, e respeitado
« Da sciencia distribúe os sãos favores,
« Albuquerque tu viste degolado
« Pelo ferro assassino de invasores,
« Que eterna affronta sobre ti lançarão
« Porque o trapo de sangue te arvorarão.

XVIII.

« Mas quem dizer pudéra em lingua humana
« *O horror, a confusão, gritos, suspiros,*
« Mil golpes, mil feridas, donde mana
« O sangue a jorros ao troar dos tiros ?
« Tentára embalde o que na mente insana
« Guardar quizesse d'esses feitos diros
« Lembrança inteira, sem ter voz, sem meios,
« E o peito, e os olhos só de pranto cheios.

XIX.

« De Miranda e Dourados invadidos,
« E outros pontos que forão devastados,
« Mancebos indefezos mal-feridos,
« E casas, plantas, campos abrasados,
« Das virgens os primores prostituidos,
« De Deus os sacros templos profanados,
« E tudo que era virgem, que era nobre,
« Tristeza, e dôr, e pranto, e luto cobre.

XX.

« Vingando os patrios manes ultrajados
« Lavai com sangue imigo a imiga affronta.
« Para as hostes crueis, para os soldados,
« Escravos de um senhor que os amedronta
« Com pragas e feitiços inventados,
« A luz da redempção no céo desponta.
« Sêde vós d'esse povo os redemptores,
« Tambem da patria sendo os vingadores.

XXI.

« E d'aquelles que martyres cahirem,
« Pois são da guerra os casos sempre varios,
« E d'aquelles, que aos golpes succumbirem
« Dos fracos mas fanaticos contrarios,
« Ou d'aquelles tambem que conseguirem,
« Qual esse outro romano antigo Marius,
« Sobre as ruinas sentar-se da victoria,
« Eterna guardarei alta memoria.

XXII.

« E no templo entraráõ da eternidade,
« Onde brilha de luz e resplandece,
« Aquelle que na verde mocidade
« Sendo grande, na morte se engrandece :
« Nioac inda lembra com saudade
« Aquelle nobre grito, que ensurdece
« Os malvados erguendo a faca e o alfange
« Sobre a fronte, que em vida a gloria abrange.

XXIII.

« Morrendo pela patria trucidado,
« Da gloria a luz eterna compartilha
« Benedicto, da historia celebrado ;
« Pois essa eterna mãi tambem perfilha
« Quem morre pelos seus sacrificado,
« Ou da honra o caminho sempre trilha.
« Sobre a fronte vendo elle o alfange erguido :
« — Não me entrego — gritou, e foi ferido.

XXIV.

« Monumento gigante guarda a historia,
« Do valente menino a simples lenda :
« Não me entrego—são, dignas de memoria,
« Tres palavras, um poema, uma offerenda,
« Que alto valor traduz e muita gloria.
« Quardai-as, sejam ellas a legenda
« Que á batalha vos leve destemidos,
« E louros vos conquiste merecidos. »

XXV.

Disse a virgem ; e logo toda a frota
Vê mysterio divino produzir-se ;
E vê que da sangrenta nuvem brota
Um lampejo de luz a reflectir-se
Sobre a fronte do chefe. Depois nota
E o vê de luz igual tambem vestir-se.
Mas a nuvem sangrenta é já pedaços,
E este quadro apparece de igneos traços :

XXVI.

Cabeça juvenil o centro mede
De corôa de estrellas adornada ;
Deslumbra os olhos, clara tendo a séde,
Das estrellas a luz ora emanada ;
E a luz, porque divina, certo impede
A visão ser de imigos profanada.
Em torno inteira, em circulo se abrindo,
Nuvem de ouro p'r'o centro reflectindo.

XXVII.

Vôa delgada bruma em tenue fita
Que do quadro se vê no esquerdo lado ;
Sentença do Senhor lá vêde escripta :
« Benedicto, por Deus recompensado »
Em lettras de saphira, tal que imita
O sidéreo explendor assignalado.
Á direita uma espada se divisa
« Não me entrego » se lê na folha liza.

XXVIII.

Dous anjinhos do céo, ledos sorrindo,
O quadro sobre os humeros sustentão,
Meiga, a luz dos seus olhos reflectindo
No estandarte da Cruz, que o apresentão
De louros adornado, e desferindo
Perfume, luz e flôres que contentão
A quem perfume e luz é já conquista.
Barroso no estandarte lança a vista :

XXIX.

« E vós, valente chefe, a quem pertence
« Estes bravos levar para a victoria,
« Fareis por que de vós o mundo pense
« Não ter o mundo mais soberba gloria,
« Quando esta do Brazil achar que vence
« Toda a fama da antiga e nova historia.
« Vêde a luz do Senhor, que já fulgura
« Sobre vós, e mil louros assegura ! »

XXX.

E logo tal endeixa sendo lida,
Todo aquelle mysterio se dissolve,
Porque outra grande nuvem, qu'incendida
Em chammas refulgentes tudo envolve,
Ligeira alli baixando na descida
Em nuvens de spiral aos céos revolve.
O chefe, dando a Deus ardente prece,
Sobre o chão da peleja os olhos desce.

XXXI

Exhortar pretendia os seus soldados,
Fallar-lhes da justiça, da grandeza
Da causa que os trouxera alli armados:
Porque não fosse a natural rudeza
D'aquelles peitos, só ás armas dados,
Motivo a penas, ou talvez tibieza
D'incetar a peleja horrenda e feia;
Mas o chefe se abstém; ninguem receia.

XXXII.

Sómente nota que o silencio existe
O que sóe preceder ás crises fortes.
Tal a natura se concentra triste
E em si retrata a sombra das cohortes
De mil nuvens, e muda assim subsiste,
E aguarda o vento, o raio, a noite, a morte,
Taes dos marujos erguem se as figuras
Silentes, brancas, pardas, mesmo escuras.

XXXIII.

D'orgulho e gloria, de prazer, d'espr'ança
Á flôr dos labios lhe perpassa um riso.
Lembra certo que magna fama alcança
Quem, justo e forte assim, no mando liso
Que exercita, se porta com pujança.
Sobeja causa move um tal sorriso :
Rege bravos, a flôr da mocidade
A calentada ao sol da liberdade.

XXXIV.

Sol, que os raios ao throno leva claros,
E reflecte de lá sobre o paiz ;
Sol, que os dias findou, crueis, amaros
De ignavo captiveiro , sol feliz,
Que os annos perpetúa, já não raros,
De socego, que o céo doar-nos quiz ;
Sol, que o berço doirou, e que illumina
A nobre fronte augusta, que o domina !

XXXV.

Inclina-se ante a excelsa magestade
Porque a luz de seus raios lhe modere,
Outras vezes reclama a claridade
Que no povo p'ra sempre reverbere.
— Culto ao passado, — guarda-lhe a saudade,
E o reflexo da luz a campa fere
Do heróe de quem nasceu, bem como a gloria
Tambem d'elle aprendeu viver na historia.

XXXVI.

D'elle tambem, Senhor, tambem nasceste,
Irmão da gloria, irmão da liberdade;
Na sciencia a refulgir d'elle aprendeste,
Nas lições do passado a caridade;
E do porvir nas chammas accendeste
O facho do progresso, que a igualdade
Estatúe, nivelando o rico e o pobre,
Sómente o merito elevando ao nobre.

XXXVII.

Das lettras protector, conjura o vate
Vossa justiça, vosso amor, e gosto,
Que tão altos serviços aquilate,
Tão alto o vosso throno tendo posto.
Veja o mundo que a ouvir-me Pedro abate
O peito medalhado e augusto rosto,
Das graças estendendo os predicados
Aos humildes marujos e soldados.

XXXVIII.

Mas fazei-o por vós, sem conselheiros,
Que alguns ha, pouco amigos da justiça;
Que fazem dos parentes os primeiros,
E a quem o interesse mais atiça,
Que os principios da honra verdadeiros.
Aconselhão guiados da cobiça,
E, de ouvil-os sómente, um rei clemente
Faz que o povo se torne descontente.

XXXIX.

Sem exemplos modernos, que podião
Dar logar a paixões perniciosas,
Lembrai as dissenções que dividião
Os paulistas das éras gloriosas
Que por Duarte da Costa combatião;
E o Bispo, que as maneiras revoltosas
Do moço Alvaro aponta e a maldade,
E sirvão de conselho á Magestade.

XL.

Do Bispo era a razão, era o direito,
E os máus costumes de outra parte estavão ;
Mas ao louvor o capitão sujeito,
Só as vozes ouvia que adulavão ;
Assim do filho approva o desconceito,
E combate as lições que o doutrinavão.
D'ahi os males todos, que affligirão
Governo, bispo e villa que cahirão.

XLI.

Lucrou a vil maldade na colheita
Dos fructos da desordem e anarchia ;
Os cahetés lucrarão, tribu afeita
A comer os guerreiros que prendia.
O bispo D. Sardinha, que o mar deita,
Com toda a pobre gente, que o seguia,
Na fóz do Cururipe naufragados,
Depressa mortos são e devorados.

XLII.

Amigo da justiça e do trabalho
Da liberdade amigo e da virtude,
Esquecei-me, que nada, ou pouco valho ;
Mas fazei que a clemencia vossa escude
Os que a fouce deixando, enxada e malho,
Procurarão da guerra a vida rude ;
E porque vos não tornem surdo e cego,
Eis aqui a verdade vos entrego.

XLIII.

Já o tempo é chegado em que, romanos
No valor, na coragem, nas proezas,
Brazileiros no peito, n'alma humanos,
E modelos na paz de gentilezas,
Os filhos do Cruzeiro os desenganos,
Em nuvens de aço e ferro, em fogo accesas,
Aos imigos dirijão, que, contentes,
Aos golpes morreráõ de taes valentes.

XLIV.

Tambem Méza ao combate se aprestava,
E na mente, raivoso, revolvia
As ordens que, zeloso, recordava
Do tyranno, que em furias lhe dizia :
« Quero aqui prisioneira a gente escrava,
Que da fama de livre se atavia ;
Quero seus vasos em poder dos nossos,
Ou cheio o Paraná dos seus destroços.

XLV.

Odeio essa nação, que a independencia
Sobre bases firmou da honra e brio ;
Do imperante que a rege odeio a sciencia ;
Odeio essa corôa que eu confio
Dos povos ver cahir á inclemencia ;
E todo o seu poder eu desafio
Por que venha impedir que realize
Novo imperio que o seu esterilize.

XLVI.

Deslumbra-me o clarão do seu passado !
Desde o dia do *Fico* proferido
Das janellas do paço, rodeado
Do povo a sublevar-se decidido,
D'esde o dia do embarque atropellado
De Avilez e do troço á Lysia fido ;
D'esde a volta da esquadra portugueza,
Que teve a terra do Brazil defeza ;

XLVII.

Eu sigo passo a passo toda a historia
D'esse povo que a todos nos humilha ;
D'esse rei cidadão, de cuja gloria
Ufanou-se na Europa a augusta filha;
D'este outro que na vida meritoria
O caminho da honra sempre trilha;
D'esse imperio mais livre que meu povo,
E árbitro amanhã do Mundo-Novo. »

XLVIII

E o tyranno seguio rememorando
Dos filhos do Brazil a resistencia
Ás côrtes portuguezas, legislando
Que aos luzos tribunaes obediencia
Os chefes das provincias fossem dando.
Queria Portugal a independencia
Impedir do Brazil, e desunia
O laço que n'um corpo as reunia.

XLIX

Tribunaes importantes abolidos
Na capital ; e logo após chamado
O regente ; pois fosse de escolhidos
Governadores novos renovado
O estado de colonia aos opprimidos.
Mas sentindo-se o povo injuriado,
Depressa em conspirar brioso pensa ;
Reúne associações e funda imprensa.

L.

A Minas e a S. Paulo se dirigem
Da revolta valentes emissarios;
Proclamações ardentes se redigem,
Publicão-se jornaes incendiarios,
E as juntas provisorias logo exigem
Que não se parta o principe aos contrarios.
A tropa de Avilez alvoroçou-se,
E ao morro do Castello transportou-se.

LI.

Dominava a cidade tal collina,
E d'alli metralhal-a facil fôra;
Mas o brio do povo não se inclina,
E a pécha de cobarde o não desdoura.
Pede a lucta e nas ruas se amotina,
Até que raia o sol que a patria doúra,
Da tropa auxiliadora já liberta,
E já para o progresso emfim desperta.

LII.

Do commando das armas, na Bahia,
Deposto Freitas era, brazileiro,
E já travada a lucta o substituia
Madeira, lusitano brigadeiro.
O fogo dura um dia e outro dia ;
Mas a gente da terra no terceiro,
Ao forte de S. Pedro se acolhendo,
Sahir depois consegue combatendo.

LIII.

Enceta-se a campanha gloriosa
Partindo a direcção da Cachoeira ;
Depois em Pernambuco, revoltosa,
Triumpha ainda a gente brazileira.
Em Minas, Villa-Rica duvidosa,
Abrio depois os seios prazenteira,
Submettendo-se, ao Duque de Bragança,
Que de então nem um dia mais descança.

LIV.

E assim narrando os factos precursores
Que a patria liberdade prepararão,
Mais crescem do tyranno os vis furores
Quando os lusos embalde pelejarão
De Pirajá nos campos ! Vencedores,
Os filhos do Brazil reconquistarão
A terra de seu berço e a onda verde,
Que o luso deixa, e para sempre perde.

LV.

Méza relembra o memoravel dia,
O Dous de Julho, que a Bahia exalta ;
E a mesma forte gente alli se via,
E o mesmo patrio amor alli não falta !
Sente então que o temor talvez se allia
Á vil consciencia, que o remorso assalta ;
Mas houvera, vencido, certa a morte
Ás mãos de Lopes, e entregou-se á sorte.

LVI.

Barroso ordena ; rufão já tambores ;
Ás amuradas os marujos correm.
Artilheiros a postos ; caçadores
Na prôa, pôpa e centro, que percorrem .
Voluntarios da patria defensores,
Se enfileirão, se alinhão, e soccorrem
Os lugares vazios, taes que a gente
De bordo não occupa de repente.

LVII.

Eis aqui, vêde alli morrões ardendo,
Tacos, carrêtas, balas e metralha
Em ordem, na desordem se movendo.
Este em certeiro ponto aqui trabalha,
Já este outro a demora mal dizendo...
Mais eis que tudo é prestes, nada falha,
Nem mesmo os votos de morrer luctando,
Pois é gloria morrer os seus vingando.

LVIII.

Os tambores rufárão sons de guerra:
Antes que estale o raio ronca adiante
O trovão, que ensurdece e tudo aterra!
Não reza a historia de mortal tonante,
Mas que de raios e trovões na terra
Não prepara o mortal, pygmêo gigante!
Renovando o signal para o conflicto,
Segue aos tambores estridente apito!

FIM DO SEGUNDO CANTO

Canto Terceiro

RIACHUELO

CANTO TERCEIRO

I.

PRIMEIRO a voz de fogo alegre ouvira
Do *Amazonas* a gente destemida,
Depois a mesma voz se repetira
Em todos os navios proferida ;
O estrondar do canhão repercutira
Começando a peleja mal-ferida,
E todo o novo estrondo renovado
Por outros era logo secundado.

II.

Do rio o passo estreito navegando,
Da esquadra na vanguarda se amostrava
A *Belmonte*, que outr'ora conquistando
De valente o renome, sujeitava
Paysandú a seus tiros. Metralhando
Os imigos, primeira lhes mandava
O cortejo, que muito inda lhes deve,
Balas, bombas, foguetes a congrève.

III.

No costado de lenho se encravavão
Os projectís com furia despedidos,
Que os contrarios canhões lhe despejavão,
Por déstros artilheiros dirigidos ;
Mas que mal, se as granadas aclaravão
Do santo amor da patria possuidos,
Os marujos que as balas despedião,
As mesmas que taes tiros lhes trazião !

IV.

E mui perto era já o vaso nobre
Da frota, que, a bater-se defendida,
Mais e mais arrojada se descobre
Quanto mais se confia na escondida
Infante gente ; a qual, porque lhe sobre
Apêgo ao mundo, muito amor á vida,
Não enfrenta a maruja que na esteira
Da *Belmonte* caminha prazenteira.

V.

Isolada, porém, alvo certeiro
Se fizera de balas ; pugna ingente
Sem demora travando, verdadeiro
Prélio de sangue supportou valente,
Quando a voz inimiga de um morteiro,
Estrondando em seu seio de repente,
Sobre outros mortos fez cahir, extincto,
A Julio Carlos de Teixeira Pinto.

VI.

Morreu morte de heroe ! Da nossa armada
Tenente apenas, já de louros tinha
A fronte juvenil cedo adornada.
Ao travar-se da luta a sorte asinha
Cortára-lhe de um golpe a vida amada,
E do golpe fatal, de que definha,
Sendo mais dous valentes alcançados,
Perdemos de um só golpe tres soldados.

VII.

Tépido o sangue, generoso e puro,
Jamais em vão correu onde de heróes
O sangue a historia escreve do futuro,
E á gloria o gyro pede de mil sóes,
Diadema brilhante, que, seguro,
Tem a luz divinal dos arrebóes.
É n'essa luz que vivem as façanhas
Dos que em vida as fizerão, e tamanhas.

VIII.

Com a morte dos seus, hórrido ergueu-se
O commandante Abreu, a quem primeiro
A primasia coube, pois moveu-se
Em busca do poder imigo inteiro ;
Em chefe de uma peça converteu-se,
E o tiro despedio, veloz, certeiro,
Que tres vidas vingou do mesmo estrondo,
E fez no *Salto* acervo humano, hediondo ..

IX.

Mas sendo já os vasos empenhados,
Brazileos e contrarios, na peleja,
Em batalha geral erão travados ;
Entanto que a *Belmonte* mais negreja
Dos projectís contra ella arremessados.
Assim vencida cuidão que ella seja,
Quando, premio ao valor, lhe fôra galas
Ser alvo preferido pelas balas.

X.

Do douto Guimarães não morre a fama,
Que um bravo mutilado alli opéra,
Na sombra da coberta, mas á chamma
De rôta bomba imiga que o vulnera.
Nem treme, vendo o vaso que s'imflamma,
E firme a vez de succumbir espera
Vendo um bravo cahir á sua esquerda,
Sem que cesse de obstar do sangue á perda.

XI.

Depressa o incendio lavra crepitante
Ameaçando o paiol da munição ;
Nas bombas se trabalha á ré e ávante,
Déstro sendo em mandal-as o escrivão ;
A descarga sustentão incessante
Rolin, Alvarim Costa e o capitão
Santos Rocha, pois sabem que perigo
Traz sobre o vaso o fogo todo imigo.

XII.

Leovigildo, o cadete, a lança enrista
Ao lado de Silveira o mestre d'obras :
Telles, Miguel, Tiburcio, João Baptista,
Este pratico mestre nas manobras,
O imperial João Pereira que conquista
Rizar a grossa lona em leves dobras,
Ardem-lhes n'alma do enthusiasmo as flammas,
Que mais os queimão que do incendio as chammas.

XIII.

O estrondo dos canhões me ensurdecêra,
O fumo das bombardas me cegára,
O torpor a minh'alma enlanguecêra
E dos membros a força se alquebrára.
É que ás regiões do ignoto se ascendêra
Est'alma que do corpo desertára,
E lá, pairando, a voejar sosinha
Das solidões aérias foi rainha.

XIV.

Rainha a dominar vidente o espaço,
Nuvens por throno, pedestal de fumo.
Vio deste o claro sol sombrio e baço,
Rôtas aquellas, e sem norte ou rumo
Balas, bombas, pelouros, ferro e aço.
Mas destas scenas o fiel resumo,
E o brilho d'ellas, o glorioso fim,
Alma inspirada, cantarás por mim.

XV.

A confusão dos ares contrastava
Co'a placidez dos vasos empenhados
Na batalha. Porque, porém, lembrava
Dura a imagem dos quadros desusados,
Que na patria distante condemnava
A moral, a razão, a lei, que os brados
Cruciantes ouvião de uma raça
Do fel da escravidão vasando a taça?

XIV.

Amortecida a clara luz nos montes ;
A sombra, o fumo, a noite nas campinas ;
Aos olhos se escondendo os horizontes,
Como a aurora em seu leito de neblinas ;
Verte o duro rochedo, como as fontes,
As lagrimas, que descem crystallinas,
Nenia silenciosa do granito,
Mais triste do que a noite do infinito.

XVII.

Chora acaso o penedo a soledade
De quem perdeu no mundo amores santos,
Os de mãi, os do berço, e a liberdade ?
Para que tens, ó patria, os teus encantos,
Se és tu a gemonia, onde a saudade
É crime ao exilado, qu'inda os prantos
Esconde do suór nas bagas frias,
Como esconde no riso as agonias ?

XVIII.

Livre sopra no sul o teu pampeiro ;
Correm livres nos valles os teus rios ;
O jaguar na floresta, e o cordeiro
Nos campos livres são : — porque sombrios
O teu emblema de ouro do Cruzeiro,
O teu sol, os teus dias hão de frios
Do escravo nas algemas esbater-se,
E á luz d'estranho sol envilecer-se ?

XIX.

A bandeira auri-verde, que a esperança
Traduz nas côres ; e fecundas palmas
Do trabalho e progresso colhe e entrança ;
Quando soprão da paz as brisas calmas,
Quando o grito de guerra a patria lança,
Quando o manto de Christo cobre as almas,
E a doce lei do amor o mundo rege,
Inda acolhe o corsario, inda o protege ?

XX.

E no meio social, em que definha,
Não espera, não ama, e já não pensa
Resignado o captivo! Lei mesquinha,
Renegando a razão, o brio, a crença,
A humanidade fere! Ai! patria minha,
Possa breve o remorso a culpa immensa
Para sempre extinguir, perdoar teu crime,
Lavar a nodoa, que teu nome opprime.

XXI.

Em teus mádidos seios nutre e alenta
Novo Moysés, que o negro mar desvie!
Não vês da promissão a plaga benta?
Romeiro do porvir, não se transvie
O teu povo, que a tenda agora assenta
Nos arraiaes da liberdade! E envie,
Envie Deus a benção sacrosanta
Á nova geração, que se alevanta!

XXII.

Na lucta, que se trava, muitos vejo
Que o triste captiveiro já passarão.
Ou da morte, ou da gloria o só desejo,
Ou magoas desta vida os arrastarão :
Outros muitos, porém, o nobre ensejo
De honrar a liberdade aqui buscarão.
Da *Araguary* na prôa vejo altivo,
O preto Segismundo, o ex-captivo.

XXIII.

Entre os palmares d'Africa nascido
Nas arêas da costa Mina o virão,
Tão livre como o cervo, appetecido
Dos cães, que na floresta o presentirão.
Dos crimes da ambição nunca instruido,
Com missangas e festas o attrahirão,
E a bordo de um patacho as escotilhas
Cerrarão-lhe do mundo as maravilhas.

XXIV.

Dous mezes, dia e noite, navegando
O navio pirata, que o trazia,
Nunca um raio de sol entrou doirando
O porão tenebroso em que jazia.
De magoas e de fome definhando,
Inda o tronco de ferro comprimia
O pulso e tornozellos do Africaño
Desde então condemnado a todo o damno,

XXV.

Que dôr, que magoa atrós, que raiva ingente,
Que fogo, que algidez, que desvario,
Que saudade lhe afflige o peito ardente !...
Mas quando foi que esse homem delinquio ?
Com que jus e direito a estranha gente
Da grande e livre patria o conduzio ?
Que penas lhe resgatão taes momentos ?
Quaes odios vingaráõ taes soffrimentos ?

XXVI.

Eis, surge no horizonte um ponto escuro ;
Cresce, avulta, se alarga e circumscreve
O mar em derredór, alpestre muro.
No lenho bate a onda mais de leve,
E os do patacho o termo vêm seguro
Daquella travessia que lhes deve
Em ouro a grande somma equivalente
Ao seu carregamento, que é de gente.

XXVII.

Depois que a criminosa noite o manto
Espêsso desdobrou por sobre a terra,
E estridulou no monte o triste canto
Da coruja agoureira, a luz descerra
Esfumado pharol, tão frouxo quanto
O sol no poente, que uma nuvem cerra ;
O porão, logo aberto, a luz entrou,
E a noite horrorisada recuou.

XXVIII.

Jazia toda a carga amontoada :
Homens nús, e mulheres, e crianças,
Alguns, minguada a tanga já rasgada ;
Donzellas, que por veste as esquivanças
Pedem do corpo á posição forçada.
Mulheres, homens nús... Ai ! ondas mansas,
Que não vos revolveis enfurecidas,
Por não serem taes scenas repetidas !

XXIX.

Aos lanchões se passou a carne humana,
E á praia transportou-se com cautela.
E segue estropeada a caravana
Que a sarna, a febre, a sêde, a dôr flagela ;
A silva do caminho os corpos damna,
Que a escuridão da noite agora véla ;
Mas caminha, caminha, sem ter tréguas,
A noite inteira consumindo leguas.

XXX.

Quando a aurora os cabeços descobria
Dos montes cultivados, dos calvarios,
Em que toda uma raça se crucia
No trabalho, no açoite, e em tantos varios
Tormentos, que o Cocyto repudia,
Fazem ponto os futuros tributarios
Da propria carne, e até do pensamento,
Liberto só da morte no momento.

XXXI.

Entrados no terreiro da fazenda,
De grosseiro algodão depois vestidos,
Examina o senhor a encommenda.
E logo após em lotes divididos,
Mesmo a olho, alto e máu, contracta a venda
Dos *Cayalas*, dos homens reduzidos
A cousa vil, a escravos, instrumento
Entregue ao relho do feitor cruento.

XXXII.

E assim á propriedade o seu direito
Firmou o fazendeiro! Á propriedade
Sagrada, e garantida em acto feito
Por fundamento desta sociedade!
E o homem se mantém assim sujeito,
Quando a lei de Novembro a liberdade
Reconhece de todo o immigrante,
E condemna, e castiga o traficante!

XXXIII.

Cada cousa daquellas já tem nome,
Fouce, machado, enxada e carapuça;
Cada cousa d'aquellas, se tem fome,
Em pequena gamella se debruça
E devora o feijão, antes que o tome
O parceiro, a quem mais a fome aguça:
Vêde só que bondoso é o fazendeiro,
Que ao negro abranda assim o captiveiro!

XXXIV.

Assim foi Segismundo baptisado :
— Na capina este negro é diligente ;
Muito bom no serviço do roçado ;
Enche doze balaios de repente
Em qualquer cafezal bem carregado ;
O seu defeito é nunca andar contente,
Ninguem o vê brincar, nem vê sorrir ;
Costumava o senhor a repetir.

XXXV.

Correm mezes e annos, e o captivo
Sombrio e taciturno passa a vida ;
No trabalho o primeiro sempre activo,
Não cansa na continua e dura lida ;
Tanta magoa, porém, um lenitivo,
Achou no amor de filha estremecida,
Que, á noite, n'um momento, lhe ameigava
Aquella triste vida, que penava.

XXXVI.

N'um momento, porque de dia andava
Pelos montes e campos trabalhando;
E quando, á noite, exhausto regressava,
Na senzala o prendião, miserando!
Depois, crescendo a filha, já mostrava,
Os pomos, que os desejos acordando,
Mais agradão se occultos se adivinhão,
Do que se descobertos se amesquinhão.

XXXVII.

De amores se tomava por Faustino
Que já lhe promettêra casamento;
Mas al lhe decretára o seu destino,
Que tudo transformou em mau momento.
Foi chamada a creoula para o ensino
Da costura; e passou-se do convento
A viver sob os tectos do senhor,
Que sabia tambem o que é amor.

XXXVIII.

Calem-se os rogos vis e as ameaças
Que repellio a escrava dignamente.
Tu, pudor, tu, respeito, me amordaças
Por não dizer o horror, que o peito sente
Dos vicios, que jamais ferozes raças
Praticárão. Jamais razão demente,
Brutal instincto, nem a vil torpeza
O tigre envileceu, dado á fereza.

XXXIX.

Descobre a natureza ao pobre pai
O que a filha occultava com receio.
Da dôr, do soffrimento atrós julgai
Se uma filha estreitastes nunca ao seio.
Armado, da senzala o negro sae
Em busca do senhor ; no rosto feio
O odio que tem n'alma vai pintado ;
E logo o encontra, fere, está vingado !

XL.

E aos montes se partio, errou nas mattas ;
Pedio ás tempestades seus rugidos ;
Prendeu nos estridores das cascatas
Alma, saudades, odios e sentidos ;
No dôrso dos penhascos, só das patas
Ou do tigre, ou das onças conhecidos,
O somno amollentou de muitas noites
Da ventania aos rígidos açoites.

XLI.

Porque fadada foi a raça triste
Ao luto, que em si traz do nascimento ?
Porque aos raios febrís do sòl resiste ?
Porque vence das magoas o tormento ?
No desespero a vida então consiste ?
Porque passas, ó tempo, assim tão lento ?
Lá embaixo, que fazes nesse campo,
Bréjo escuro, onde mora o pirylampo ?

XLII

Porque escondes a febre nas entranhas
Que a liberdade traz no beijo frio?
Porque aos ares não mandas, e ás montanhas
O vapor, que do sol se retrahio,
Com que nutres a peste, e a morte assanhas?
O captivo, que o tronco repellio,
Hade assim, erradío como a féra,
Viver das magoas, que a saudade gera?

XLIII.

Do monte Segismundo então desceu
Buscando a capital, onde alistou-se
Marinheiro. A corveta o recebeu,
E logo aos mares largos entregou-se;
Até que o ferro ao grande rio deu,
Que já do imigo sangue baptisou-se.
Mas chegados estamos ao momento
Em que a todos iguala o ardimento.

XLIV.

Pouco a pouco a distancia desparece;
Nos ares as bandeiras vão tocar-se;
Um a um, no tamanho, o vaso cresce,
Que caminha, já perto, e vem chocar-se
No costado, onde o estrondo recrudesce.
Cada bronze desperta, ao despejar-se,
Os échos simultaneos, e estridentes,
Que mil trovões imitão permanentes.

XLV.

Avassallando os échos treme o ar
Cortado por mil laminas de brasa,
Vivas sempre e accesas, sem mudar;
Como de Satanaz se a rubra aza,
Dos infernos erguida alli mostrar
Viesse ao mundo quanto mais abrasa
O fogo desta guerra que o do raio
Tardio de punir o paraguayo.

XLVI.

Depois se quebra a lei da natureza:
Mudado o sol em fumo se escurece,
Do dia foge a luz, foge a belleza,
E nas azas de fogo a noite desce!
Suspende o rio a viva correnteza,
Mudando em sangue a onda que enrubesce,
E treme o abysmo amedrontando as féras,
Tombando os robles das antigas éras.

XLVII.

Abração-se em novellos ar e fumo,
Misturão e desfazem-se rolando;
O vento sopra, eleva-l'-os a prumo,
Cessa o vento, vão logo se apartando
Brandas nuvens, correndo, mas sem rumo.
Dissereis casco, enxarcias se abrasando
N'um incendio geral sem labaredas,
Laminas rubras pelas chammas tredas.

XLVIII.

Luctando com a terra a canhoneira
Que de um rio brazileo se chamára
Jequitinhonha, accêsa uma caldeira,
Distante dos mais vasos se postára.
Era alli a coragem altaneira
Que os canhões da barranca desafiára ;
Era alli quasi um cento de valentes
Contra mil inimigos combatentes.

XLIX.

Contra mil, porque os outros abrigados
Á sombra espessa da floresta escura,
Em punho as armas, quédão-se abysmados
D'esse arrojo que a tanto se aventura.
Mas ai ! que negra sina e diros fados
Decretárão tamanha desventura ?
Sobre pedras se arrasta a forte quilha,
E o vaso se adornando desmantilha.

L.

Nem vossa, Secundino, a culpa sendo,
Tambem não pesa sobre quem mandava;
A culpa foi da vaga, pois, descendo,
De manso e manso o vaso arrebatava;
Nem a falsa versão dizer pretendo
Que a terceiro tal perda se imputava,
Porque ao pratico fido cede a sorte
Primeiro que ao navio triste morte.

LI.

Atravessa o costado á correnteza,
A prôa á esquadra, mas a pôpa á terra,
Onde está toda a imiga fortaleza.
Descoberto o convés alli afferra
O contrario seus tiros com crudeza;
Nascimento no rio já se encerra,
Benedicto, Sant'Anna e Oliveira,
O bravo Motta, Lopes e Ribeiro.

LII.

Quasi o resto da gente sae ferida
Na lancha ao *Beberibe* transportada.
Chica da Palomêra conhecida
É a bôca da prôa demandada
Da *Ypiranga* ligeira na descida
Em soccorro da misera encalhada;
Alli lh'estronda dentro bomba ardente,
Que parte e rompe o contra do dormente.

LIII.

Do fanatismo mais que do ardimento
Guiada, a imiga gente combatia,
Empregando cruel e duro invento
Que mais do que a coragem lhe valia.
Se agora descrevêl-o fôra intento
O tambor da peleja o prohibia,
Só vos digo que tem por nome *chata*
E a forma de um saveiro que o retrata.

LIV.

Todo o convés fechado, alli rodilha
Com a força de oitenta avaliada
Grande peça, vizinha da escotilha
Que conduz ao porão ligeira entrada.
Traz bruto, humano lastro em toda a quilha,
Tropa de desembarque agglomerada,
Que aborda de repente incauto imigo
De certo não cuidando em tal perigo.

LV.

Seis verieis da lucta no começo
Trazidas a reboque dos vapores,
Sendo no damno de avultado preço
A lume d'agua os bronzes seus traidores;
Pois os rombos, voltando pelo avêsso
Rijo cobre, destapão sorvedores,
E o navio bebendo sem cessar
Vai o lôdo das ondas habitar.

LVI.

Da *Itaty* solto o cabo de rèboque
Á pôpa da *Ypiranga* se postára
E vem n'ella atracar prendendo o cróque,
Uma *chata* que perto se achegára;
Mas não deixa sequer que o vaso toque
Um tiro que o rodizio lhe dispára,
E rompe, e leva aos ares—mil pedaços—
O bronze convertido em estilhaços.

LVII.

Cedo alagado desce mergulhando
O saveiro, afogados na coberta
Os soldados que, ha pouco se aprestando,
A *Ypiranga* contavão preza certa.
Das fendas o alcatrão se despegando
E a estôpa que o martello tanto aperta,
Tornárão taboas soltas o costado
Mostrando cem cadaveres a nado.

LVIII.

D'estes alguns se morrem lentamente
Suspenso o respirar pela asphyxia ;
Outros o peito rasgão inclemente
Na cavilha de bronze que prendia
A caverna alagada de repente ;
Quando este nas entranhas sente fria
A lasca do madeiro desprendida
Onde a bala candente abrio sahida.

LIX.

Sangrentos restos achareis e quentes
Que o tempo nem os corvos consumirão ;
Grande lição, exemplos permanentes
Ensinão inda á terra onde cahirão.
Pois Deus mandou—e os ares diluentes,
Feras, aves e abutres se partirão
Dos lugares que a fama denomina
Monte Verde de Santa Catharina.

LX.

Igurey nesse tempo demandava
O bombordo da forte *Iguatemy*,
Emquanto n'estribordo combinava
Com ella os seus canhões *Paraguary*.
No centro a um e outro metralhava
Coimbra, o moço, commandando alli,
No passadiço em pé, a espada em mão,
Na esquerda o porta-vozes de latão.

LXI.

O respeito aos contrarios incutindo,
Acordava nos seus a emulação.
As granadas, que vio passar zunindo,
Deixarão-n'o em seu posto salvo e são ;
Serena a fronte, os labios entreabindo,
E assim descortinando a emoção
De su'alma n'um riso de prazer,
A nobreza do qual não sei dizer.

LXII.

D'ess'arte do passado um grande feito
Alli com tanto estrondo repetia,
Que aos tiros temerario dava o peito,
Mas a morte do peito lhe fugia ;
Sómente lhe tocava com respeito
A briza que os cabellos espargia,
Até que o tornozello vulnerado.
Foi Achilles da esquadra appellidado.

LXIII.

Desce á tolda o ferido ; e o commando
Ao bravo Pimentel pertence agora.
Mas no alto posto apenas assomando
A fronte que a bombarda não descora,
Tocada foi da bala que silvando,
Separou-a do tronco em negra hora !
Destino, sorte, sina, fado triste,
Acasos do órco ou céo, quem vos resiste ?

LXIV.

Não fraqueia por isso a brava gente ;
Nem scentelhas nos ares diminuem ;
O fumo se ennovella permanente ;
Sobre os imigos inda os golpes ruem
Que vão nas azas do metal candente ;
E sobre a tolda extranha mais affluem
Bombas accesas, que o clarão imitão
Dos coriscos que as nuvens precipitão.

LXV.

E' que Santos, o joven, vendo apenas
O ferimento de um e de outro a morte,
Roubando ao triste peito as tristes scenas
No mesmo posto busca a mesma sorte ;
Mas tu, destino, a este não condemnas,
Que tão moço da gloria segue o norte,
Mantendo com valor não desmentido.
O lugar das bombardas preferido.

LXVI.

Com denodo na acção tambem se empenha
Companhia de infantes destacada,
Juntando dos fuzis a voz rouquenha
Do morteiro á voz forte e trovejada.
Da ferida, que tem, audaz desdenha
O chefe de tal gente celebrada,
O valente Ewerton e destemido,
Cujo braço é pesado, inda ferido.

LXVII.

Tambem tu sabes, tu, Barbosa, o posto
Que d'honra e gloria vejo sustentado ;
Jámais o varonil e nobre rosto
Tiveste das granadas desviado ;
Fazes brando de sangue o duro imposto
No commando por ti exercitado,
Alliando á coragem do guerreiro
A virtude do peito brazileiro.

LXVIII.

Pois neste e coração, no ardor da liça,
Se vês sobrar em todos mansuetude,
Em ti faltar não fôra de justiça
Alliada ao valor de igual virtude.
Grandeza tanta d'alma faz cobiça
Que obriga a pretender que o berço mude,
E queira o extranho n'este ter nascido
Em vez de n'outro sólo engrandecido.

LXIX.

Da *Mearim* o estrago apenas viste
A amurada partida, o turco em meio,
Quando logo, onda rubra, consumiste
— Pedaços — o escaler no undoso seio,
Que de magoas agudas, que dôr triste
Gemeu tu'alma em doloroso enleio,
Os marujos bem virão denodados,
Que os tiros repetirão apressados.

LXX.

E os soldados de Lopes fero e diro
Na insania do furor que os avassalla,
Cahindo aos golpes vão de cada tiro,
Feridos dous e tres da mesma bala ;
Mas na agonia do final suspiro
Prendendo na garganta a rouca falla,
Estrebuchão uivando em desespêro,
E iguala o ronco as vozes do mortêro.

LXXI.

Na sombra assim de secular floresta
Corridos de velozes cães de caça,
Encovão-se os catêtes, cuja cresta
Buscando o caçador lhes segue a traça ;
E fazem do queixal que tudo infesta
Grunhido horrivel que ensurdece e ameaça,
Até que aos pares cáem trespassados
No chão cravando os dentes apontados.

LXXII.

Na lucta que prosegue encarniçada
Nem treguas por instantes se consente ;
Aqui sibila a bala que levada
Vai nas azas do fumo denso e quente,
Alli, rugindo, estoira na amurada
O canhão, cuja voz é permanente ;
E anceião por medir-se a ferro frio
Os marujos, vingando o patrio Rio.

LXXIII.

Aos guerreiros, porém, da liberdade
Bem cara vae custando tanta gloria ;
Ai ! quantos, ai ! na prematura idade
Dão nomes immortaes á nossa historia !
Só tenho para dar-lhes a saudade
Que eterna chorarei, como a memoria,
A patria guardará banhada em pranto
Dos filhos que na morte a honrarão tanto.

LXXIV.

Deus soberano, que o governo guardas
Do céo, da terra e mar, e morte e vida,
Porque jamais com teus decretos tardas
Chamando ao céo tanta alma ennobrecida,
Ou na guerra, ao clarão de mil bombardas,
Na paz, luctando a mente esclarecida,
Ou nas artes divinas nos arcanos ?
— Todas voão ao céo na flor dos annos !

LXXV.

D'esta sorte nasceu para morrer
O fulgido cantor, jovial Macedo ;
Assim no matutino alvorecer
Finão-se Abreu, Laurindo e Azevedo ;
De Freire assim tambem o fenecer
Do claustro na soidão e no segredo ;
E nas artes tambem o grande Santos,
Ribeiro, Valentim, Gusmão e tantos. . .

LXXVI.

Felizes inda assim que os patrios lares
Recolhêrão seu ultimo suspiro !
— Como a triste araponga dos palmares,
Vendo o filho inanir-se ao norte diro,
Lhe estende as plumas e consterna os ares
Do consternado e lugubre retiro ;
O que morre na patria sente os braços
De mãe triste, que o prende em mil abraços.

LXXVII.

Nem rasa sepultura guarda ao menos
Dos que longe morrêrão batalhando
Gloriosos restos ; nem pungidos threnos,
Entre os goivos funéreos echoando,
Soletra a briza ; nem rosaes amenos
Vegetão junto á lousa a perfumando.
É triste, arido e frio extranho céo,
Tem sol de exilio da saudade o véo.

LXXVIII.

Entrei á noite um cemiterio :—a bruma
Era o seu manto branco de agasalho.
A saudade não vi, que o ar perfuma.
Movia a brisa do cypreste o galho,
E vi cair nas covas, uma a uma
Lagrimas puras,—lagrimas de orvalho ;
E uma a uma cair as murchas franças,
Como caem cá fóra as esperanças.

LXXIX.

E eu disse :—Á noite, só a natureza
Pranteia os mortos na mansão da morte.
Da soidão, do silencio na crudeza
Escuta-se da vida o grito forte
Que estronda lá fóra na deveza,
Na voz do môcho, para que o supporte
—Tétrico agouro !—a alma, que padece,
Se falta ao morto a sepultura, a prece.

LXXX.

Sem que a terra o cadaver cubra e esconda,
Não tem repouso, nem remonta aos céos
A alma triste, que o monte, o campo, a onda
Rejeitão, e vai, presa aos escarcéos,
Cumprindo fado máo, e sorte hedionda
De magoas e nudez sem fim, sem véos.
Colhe e reparte sonhos, que atormentão,
Pasadelos, que de ancias se alimentão.

LXXXI.

Se o bosque busca, estronda o silvo agudo
Da serpente feroz e da maitaca ;
Nas praias as areias, aguas, tudo
Em revolta a detêm ; tremendo estaca !
Não tem a prece, que lhe fôra escudo
Contra esconjuros, que o bruxedo assaca,
E cança, e pena, surdo o céo, o inferno,
Ante essa angustia e soffrimento eterno.

LXXXII.

Bem o provaste tu, ó grande, ó forte,
O' martyr santo, Xavier bemdito !
Encheu teu nome augusto o sul e o norte ;
No mundo todo inteiro echoou teu grito ;
E quando o corpo teu baqueou na morte,
Maldisse todo o mundo o atróz delicto.
Negou-te, entanto, a patria crúa e dura
N'um punhado de terra a cova escura.

LXXXIII.

É que houveste na patria o teu desterro,
Que o supplicio cruel findou n'um dia.
Servil-a, foi teu crime ; e foi teu erro
Abrigar o traidor, que o denuncia.
Maldito o valle, o monte, o bosque, o sêrro,
Que a vibora gerou, e que a nutria !
Maldito o mar, ou ermo, ou cemiterio,
Que os restos recolheu do vil Silverio.

LXXXIV.

Do despotismo extranho a mão pesava
Sobre a triste colonia escravisada ;
O abutre de alem-mares depredava
A terra, o sangue, a vida, que era nada,
Mas a honra e os brios, que affrontava.
Acorda a indignação, e o peito brada,
Não vingança, nem crimes, que condemna.
Mas patria, liberdade, e paz serena.

LXXXV.

Assim foi que formaste a inconfidencia
Contra a vil, extrangeira tyrannia ;
Assim foi que bateste a incoherencia
Da lei, que throno e mando entregue havia
A uma douda ; como se a demencia,
O acaso, o impudor devesse, um dia,
Reger povos, domar a liberdade,
O direito affrontar, e a nova idade.

LXXXVI.

Mas tudo isso venceu: e tu, culpado,
Criminoso do amor, que ao berço déste,
Foste ao supplicio, á maldição votado.
Lança-te o algoz ao hombro a branca veste;
Levas á forca um brio nunca usado;
E porque do que foste nada reste,
Pedaços, dão teu corpo aos animaes,
A cabeça n'um póste aos vendavaes.

LXXXVII.

E saqueião-te os bens, e amaldiçôão.
(Malditos elles!) tua egregia raça;
Subvertem tectos, muros esborôão;
Nas ruinas voraz o incendio passa;
E a terra que revolvem, que amontôão,
Salgão bestialmente os da devassa.
Justiça da rainha, e seus juizes
Mais culpados que o réo, mais infelizes.

LXXXVIII.

Mas dôr não ha no peito varonil,
O coração não treme palpitante,
Nem corre o pranto em rosto juvenil,
Nem ha tristeza ou magoa no semblante
Do que succumbe em honra do Brazil !
Assim, Barros, cahiste agonisante,
E no teu derradeiro e fraco alento
Foi inda um riso de contentamento.

LXXXIX.

Foi triste o teu morrer, mas foi glorioso.
Antes viste feridos a teu lado
Lacerda forte e Freitas valoroso ;
Depois tambem no corpo vulnerado
O joven Castro Silva esperançoso ;
Este socio no estudo e não no fado,
Aquelles nas patentes superiores,
Igualados, porém, nos meus louvores.

XC.

Não morreu qual bonina que cortada
Foi por tyranna mão e despiedosa ;
Nem qual morre da serra na dobrada
A rôla solitaria, mas saudosa
Da tarde que a tormenta fez nevada,
E nem qual morre a vaga marulhosa
A espreguiçar-se no arenoso leito ;
Mas sim qual morre o vaso seu desfeito.

XCI.

Era este o mesmo que antes encalhára,
Alvo certo do fogo das trincheiras
Ao qual soccorro embalde se tentára.
Pois védão manobrar as canhoneiras
A estreiteza do rio e agua rara ;
Depois perde as esp'ranças derradeiras
A guarnição que deixa o seu navio
Mais de metade prêza já do rio.

XCII.

Mas tem natura a lei sublime e santa
Que um bem compensa sempre o mal sentido ;
Mil esp'ranças se um golpe aqui quebranta
Do céo nos vem consôlo appetecido ;
Vereis assim qu'inda hoje o mundo espanta
O quanto aprouve a Deos ter decidido
De gloria, de valor, aos brazileiros
Da *Araguary* soberbos marinheiros.

XCIII.

Vendo Hoonholts perdido o nobre vaso,
Perder-lhe as peças todas delibera,
Pois não venhão imigos por acaso
Trazidos da cobiça negra e fera,
Junto á margem seguindo o trilho raso,
O bronze depredar que lhes valêra
Reforço ingente. Mas demora a empresa,
Pois cresce mais e mais a pugna accêsa.

XCIV.

Tu, *Beberibe*, tens acaso o olvido
Por premio vil a teus brilhantes feitos ?
O páo da giba vejo-te partido
Na pôpa do navio aonde os peitos
Batêrão teus marujos ; e corrido
Diante corre o *Jejúi*; e tem desfeitos
Os mastros e velame pelas balas
O *Iberá*, cujos vivos fogos calas.

XCV.

Na prôa um rombo tens, outro na linha
Do liso cobre, aonde entrada certa
Achou o projectil que morte azinha
Levára á praça enferma na coberta.
O grande mastro teu tambem s'inclina
Cortado na roman, da qual deserta
A chapa que segura as arreigadas
Das enxarcias de preto alcatroadas.

XCVI.

D'estas da gata a meza tens partida,
Das reaes seis ovens e o arvoredo ;
Dos olhaes a amurada está despida,
E privão-se os rodizios muito cedo
Dos vergueiros e chapa bem polida,
Servindo ao pião que gyra com segredo,
Movendo em cima a peça para os lados,
Onde forão seus tiros apontados.

XCVII.

Quatorze furos grandes nas caldeiras,
Na chaminé, e inda outros no canudo ;
Muitos nas obras mortas, que primeiras
Perdido têm das tintas o velludo ;
E no costado abertas cem baleiras
Das balas perfurando o lenho mudo.
Inda assim na batalha não fraqueias,
E o fumo da bombarda saboreias.

XCVIII.

Vejo a teu bordo Duarte destemido,
Immediato nas ordens a Sant'Anna ;
E vejo Souza Braga encanecido
Tendo n'alma a coragem não mundana
Que tanto á patria sua tem servido.
Dos labios de Diniz suave emana
O balsamo das almas precioso
Que Deus nos traz, na morte, caridoso.

XCIX.

Varado dos cartuchos das barrancas
João Pinto cáe com sete companheiros ;
Morre Juvencio, o mestre d'armas brancas,
E na roda do leme cáe Medeiros.
Louvor, Duarte, a ti que a morte espancas
Assestando tu mesmo os bons morteiros
Contra os duros escravos de um tyranno,
Que nem gesto, nem peito tem de humano.

C.

Aos tiros que assestaste respondêrão
Os gemidos e pragas do inimigo,
E os baques dos cadav'res, que descêrão
Ao lôdo immundo, que lhes foi jazigo.
Mas inda a victoria não cedêrão
Os que restão, ignaros do perigo.
Tanto os cega o furor, que á lucta correm
Desvairados, e assim sem gloria morrem.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

Canto Quarto

RIACHUELO

CANTO QUARTO

I.

A pugna segue mais e mais travada,
E mais e muito os vasos se avizinhão ;
Estoira, estronda o ar veloz granada,
E os cacos no convez redomoinhão ;
A peça que troveja é renovada,
Correntes, taboas soltas torvelinhão,
E distancias, nem ordem mais se guarda,
Nem já patentes mais distingue a farda.

II.

Ora perfura os mastros quente bala,
Ora quebra na tolda algum rodête ;
Agora o mastaréo se rompe e estala
Onde a driça passa do traquete ;
Logo incendida bomba se resvala
Pela verga onde ferra o joannete ;
Depois o gurupés ficou partido,
Depois o cabrestante contundido.

III.

Ás vezes cáe no rio aonde o estrondo
É menos forte, e joga a vaga aos ares :
Quer seja a bala, ou mesmo seja hediondo
Corpo inimigo, ao qual em seus azares
A guerra morte deu, castigo impondo,
Banhão-te a fronte, se te não guardares,
A onda e a espuma que a pancada solta,
Chuva d'instantes, que a seu leito volta.

IV.

Mas agora hei mister da sonorosa
Tuba divina do immortal cantor ;
Pois não me deu natura generosa
O talento, nem éstro, nem vigor
Da clara voz cantando, primorosa,
A guerra, a paz, o céo, e Deos, e amor
Da lyra que da morte libertava
Aquelles todos que cantando andava.

V.

Um só lampejo d'essa luz sublime,
Que eterno fez o vate lusitano,
Não póde pretender que o éstro anime
Quem lê na propria mente o desengano.
Mas, curvada, a minh'alma não se exime
De ajoelhar, impetrando o santo arcano,
No pó da sepultura onde repousa
Divo Camões... sem cal, sem cruz, sem lousa.

VI.

Pois tão alto é o assumpto que eu me vejo
Medroso e fraco d'incetal-o agora ;
E perdido se tenho o grande ensejo
Do soccôrro que a mente humilde implora,
Morre então d'esta empreza o meu desejo
Se a sombra de tal fama o não vigora.
Mas no peito onde Deus creou nobreza
Abrigo certo tem qualquer fraqueza.

VII.

Roce, pois, minha fronte debil fio
Do lençol, que estendeu a caridade
Sobre o seu corpo inanimado e frio.
Ouvireis de meus labios a verdade,
E em alto estylo e som dizer confio
Toda a gloria, que cabe á mocidade
Da forte *Parnahyba*, cujas scenas
Engrandecem, animão, causão penas.

VIII.

No todo isenta ainda de avarias,
Feita a volta do rio, remontava
A corvêta tão leda, que dirias
Sobre ella divinal poder velava.
A culatra luzir ao sol verias
Dos quatro bons rodizios que montava,
Escurecendo em tanto as amuradas
Por banda um par de pretas caronadas,

IX.

No passadiço em pé, Garcindo vela
Pela sorte dos bravos que commanda ;
Dos rodizios de ré co'a voz flagella
Nas aguas e na terra a gente infanda,
De virtudes e amor feraz donzella.
Cada bronze qu'estronda a morte manda
Ás fileiras aonde, accêsa a ira,
Cada peito s'inflamma—horrenda pyra.—

X.

A toda força o fogo traz corridos
Sobre ella, preparando-lhe abordagem,
O *Salto e Taquary* que, precedidos,
Seguem *Paraguary* d'esde outra margem ;
Mostrando os tombadilhos guarnecidos
De tropa que blazona de coragem,
E vibra pelos ares o aço puro
Do sabre, não de fumo ou sangue, escuro.

XI.

A guia, que ao exicio se condemna,
Já da gloria da preza se deleita ;
A distancia, que vence, vê pequena,
E para a fina prôa se endireita ;
Mas pressão no vapor Garcindo ordena,
Por que se mova rapida a corvêta,
E arte ao leme, á caldeira força ajunta,
Co'o béque investe o imigo e o desconjuncta.

XII.

Depressa livre d'este aos dous procura,
Mas deter-lhes a marcha não consegue.
Prolonga por bombordo atróz figura
O *Taquary*, emquanto o *Salto* segue
Por estribordo e ao choque se aventura;
Porque d'elles cada um a gente empregue
Sem vexame da lucta desigual
Comtanto que consigão fazer mal.

XIII.

Chuva de barbaros a tolda invade
Despejada de um lado e de outro lado;
Descripta nos semblantes a maldade,
Nas dextras o punhal e sabre afiado,
Arfando-lhes no peito a crueldade,
Misturão guarany terrivel brado
Ás vozes que proferem trovejadas
Duas bombas sobre elles rebentadas.

XIV.

Travão-se logo duéllos cem de morte
A fuzil, a punhal, a sabre e espada;
Entre o fumo, entre o sangue alteia forte
Cada fronte do sol á luz queimada;
E lucta, e prende, e cinge-se a cohorte
Co'as duas inimigas misturada;
Punhaes e facas golpes desferindo
Nas espadas e réfles retinindo.

XV.

Do convéz o verniz o sangue lava
E tinge os soltos cabos desprendidos
Da malaguêta, que no chão entrava
Os passos que se amiudão mal sustidos.
Os golpes a desordem dominava,
O numero escondendo dos feridos,
Que ruem uns no proprio sangue envoltos,
E outros o rio leva em si revoltos.

XVI.

A confusão depois, depois horrores;
Por chão da pugna rubras ondas vivas;
Agitão-se no sangue os lidadores;
Das armas brancas nuvens que, de esquivas,
Ganhão, perdem do sol os resplendores,
Dos nossos sobre as frontes já captivas
Da gloria, brilhão, sobem, descem, correm,
A uns a morte dão, a uns soccorrem.

XVII.

Golpes, gemidos que allivião penas,
De cadav'res aqui e alli a quéda,
De correntes o choque nas antenas,
Dos canhões o ribombo, que arremeda
Échos de mina nas soidões amenas,
O estrondo do rewolver, que depreda
Duas, tres, quatro vidas de um momento,
Erão scenas de atroz encantamento.

XVIII.

No claro espelho de polida espada
Punhal agudo resvalou perdido ;
Depois a folha, que rutila afiada,
Forte tinio nos copos o estalido.
A mão descendo apenas desarmada,
A clavina surgio no braço erguido,
E o que o ferro não fez veloz cortando
Faz nos peitos a bala penetrando.

XIX.

Mas já do vaso a pôpa é imiga preza
Que os nossos totalmente não cedêrão ;
E lucta, qual gigante, na defeza
Da bandeira, que as bombas não colhêrão,
Um mancebo de ardor e gentileza
Que jámais priscas éras excedêrão.
Mocidade, valor, constancia e nome,
São seus dotes que o tempo não consome.

XX.

Official inimigo, a espada núa,
O acommette intimando por que arreie
Da mezena a bandeira, içando a sua.
Greenhalge, sem tardar, porque o premeie,
—Pois de forçar a infamia não recúa,—
Faz que a vida no peito lhe fraqueie
Ao peito despedindo a bala certa
Que deixa para a morte a porta aberta.

XXI.

Eis outro corre por vingar o amigo,
Mas cedo lhe dá morte o heróe-menino;
Quem de frente o provoca tem jazigo
Alli mesmo, de sangue, e repentino.
Assassino cruel foge ao perigo,
Brandindo pelas costas o ferino
Culpado sabre vil, o qual consegue
Que tão precioso sangue o vaso regue.

XXII.

Assim tombando a fronte gloriosa
Do tronco, que no sangue se revolve,
Alma visivel no adejar mimosa,
A vista ainda viva no ar involve:
Parcella de anjo ou virgem lamentosa,
Um drama de agonia alli resolve,
De esperanças passadas em memoria,
Em um poema de amor e n'um de gloria.

XXIII.

Tu eras, Laura, a flôr mimosa e linda
Na bella patria longe fenecida;
Ao troar da peleja agora brinda
O teu beijo essa fronte adormecida;
E nos échos clementes vive ainda
Lembrança de teu pranto e voz sentida,
Flôr que pendes, e teu perfume corre
Ao suspiro casar-se, ao bem que morre.

XXIV.

O poema de amoroso sentimento,
Que segredaste então ao bem amado
Da final agonia no momento,
Entre nuvens de negro, e o sol toldado
Assistindo de luto ao teu tormento,
Pelos échos da morte renovado ;
Esse poema de amor e de agonia,
Que morrendo gemeste, que dizia ?

XXV.

—« Corria a mocidade esperançosa,
« Florindo para nós alegre a vida :
« Doce aurora de amor, como és formosa !
« E na tua branda voz enternecida
« Vinha o doce perfume d'alva rosa ;
« Apertavas ao seio a promettida
« Companheira amorosa dos teus dias,
« Anjo meigo das tuas phantasias.

XXVI.

« Como era perfumada a larangeira,
« Vestidos os seus ramos das florinhas,
« Imagem da esperança derradeira,
« Pois da morte nascêrão tão vizinhas !
« A grinalda, que amor entretecêra
« Se escutáras então as preces minhas,
« A saudade a mudou no triste goivo
« Que, morta, vim trazer-te, amado noivo. »

XXVII.

E a voz se lhe extinguio n'um surdo beijo,
Que o alento final colheu do esposo :
Um instante na face o roseo pejo
Foi a flôr do consorcio desditoso.
Depois... pomba de amor, n'um manso adejo
Avista ao longe o ninho seu formoso :
Da gloria segue o morto o igneo traço,
Corta a pomba de amor o mesmo espaço.

XXVIII.

Que tão doce consorcio esse da morte !
Que purissimo incenso esse do fumo !
Dos anjos na amplidão paira a cohorte
E marca aos noivos o celeste rumo,
Onde o estrondo não chega de Mavorte,
Onde a benção suprema, aonde o summo
Bem reside ; onde nasce a claridade,
Onde a sombra, onde a urna da saudade !

XXIX.

Cá embaixo gladião-se os mysterios,
Corre o sangue, a traição, o odio, o embuste ;
E' jardim todo o chão dos cemiterios,
Que dá flores á tumba, á cruz, ao fuste ;
E o pranto é falsa trégoa aos vituperios.
Para que a vida ao bem fugaz se ajuste
Os venenos a alma esterilisão,
E as noites nas insomnias se eternisão.

XXX.

Em nuvens enfumadas da peleja
As duas almas para o céo disferem ;
E pávido o canhão a mais troveja ;
Socego os ares nem os homens querem ;
Mil golpes sobre golpes qual dardeja,
Qual recebe-os, e quaes nas iras ferem
Insensivel o bronze que regias
Tu, heróe, immortal, Marcilio Dias.

XXXI.

Mas não supporta o imigo que a bravura
Indomavel triumphe dos valentes ;
Vê mesmo que a victoria tem segura
Quem lucta contra duplos combatentes ;
E da morte a lembrança atroz tortura
Os peitos vis, de affectos inclementes.
A' lucta corre então *Marquez de Olinda*,
Outr'ora nosso, não guerreiro ainda.

XXXII.

E terceira abordagem recomeça
Pela pôpa do sangue consagrada,
Qu'inda dos nossos de jorrar não cessa.
A bandeira tremúla no ar guardada
Por quem mortalha a pede tão depressa,
Pela espada valente e malfadada
Do grande Affonso, cuja nobre fama,
Inda saudosa, Nictheroy proclama.

XXXIII.

E combatem-se agora os brazileiros
Contra o triplo de bravos lidadores.
Quem dissera o valor de taes guerreiros !
Quem na téla traçára em vivas côres.
Horridas scenas, duéllos carniceiros,
Estrondo, golpes, fumo, chamma, ardores
De peitos juvenis, de roseas frontes,
Da gloria devassando os horizontes !

XXXIV.

Aqui de encontro á espada a espada cruza
Caboclo nacional, marujo bravo ;
Alli aos sabres o punhal se encruza,
O rewolver aqui fulmina o escravo,
E d'alli a clavina os arcabuza.
E junto ao sangue nobre o sangue ignavo
Congelando-se, — a gente mutilada
Por um rio de sangue sobrenada.

XXXV.

Que tragedia infernal, glorioso theatro
Onde actores são vultos de gigante !
Que arremedo do inferno negro e atro
Qual sonhára jamais fecundo Dante !
Que scenas, que ullular, que do baráthro
Tem os échos do abysmo retumbante !
Que gemer, que de horror, que assassinar,
Que um brinco faz suppôr o Trafalgar !

XXXVI.

Sem côr, pedaços, mutiladas fardas
Desnudão dos marujos os artigos,
Negros, do fumo negro das bombardas,
Tintos, do sangue rubro dos imigos,
Da morte espectros, da victoria guardas
Avançados ao centro dos perigos,
Onde no proprio sangue trança c'rôas,
C'rôas, patria, que tu não galardôas.

XXXVII.

Alli altêa-se a bronzeada fronte,
O valor indomado, leão da guerra,
Cuja alma rude, de malicia insonte,
O triste medo com pavor desterra.
Em duéllo pugna alli, sem que o amedronte
Feroz o cêrco que depressa o encerra,
Marujo herculeo no valor e força
Que prefere quebrar a que se o torça.

XXXVIII.

Erão quatro inimigos e valentes
Contra ti que eras só, Marcilio forte.
Contra os sabres afiados, reluzentes,
A espada brandes ; e do fino córte
Zimbrão golpos nos ares estridentes.
Que o bom Deus das batalhas te conforte ;
E que o anjo da gloria te bafeje
Por que teu nome os cyclos rumureje.

XXXIX.

Insignia do Cruzeiro ao peito brilha,
Que o sangue precioso agora tinge ;
Mas, do sangue á vista, o contrario humilha,
A quem, por derramal-o, a morte infringe.
Decepada a cabeça, rubra bilha
Colhendo a vida, o capacete finge ;
E combate Marcilio a tres sómente,
E se escorre a ferida já não sente.

XL.

Porém dos tres os golpes repetidos,
Ao verem corpo amigo alli jazendo
Soltando da agonia os ais sentidos,
Retalhão do marujo,— quadro horrendo !
Os membros; e grudados os vestidos,
Os desnudão, aos golpes desfazendo.
Mais um esforço, aos sabres vence a espada,
Sobre outro imigo a morte está pousada.

XLI.

Céga o furor a vista aos dous que ficão ;
Recúão, mentem voltas, ora avanção,
Ora os pés nos cadaveres si implicão ;
Depois a lucta fingem que descanção ;
Depois frustrados golpes multiplicão,
Até que, tigres, ao contrario lanção,
Sinuando-se ligeiros quaes serpentes,
Humanas garras, e punhaes, e dentes.

XLII.

Desempunha Marcilio a espada nobre
E com os braços cinge os dous contrarios ;
Do sangue a muita perda então descobre,
Que os ossos não quebrou dos temerarios.
Mas a lucta prosegue, e a lyra é pobre
Para os feitos dizer extr'ordinarios
De tão grande valor e sem segundo
Ou na historia da patria ou na do mundo.

XLIII.

Sob as plantas o chão lhes foge liso,
(Rubro limo firmeza não consente) ;
Mas este, se falseia, no preciso
Momento dado, com esforço ingente,
Livra ao corpo da quéda o prejuiso.
Assim frustra Marcilio de repente
Duros golpes, que a esquerda dirigia
Do imigo cuja dextra retorcia.

XLIV.

E os joelhos firma nos contrarios joelhos ;
A um co'a dextra prende, a um co'a esquerda ;
As veias crescem, roção-se os artelhos ;
Aqui e alli no corpo—fina cerda—
Não mais cabellos pretos, mas vermelhos ;
O sangue derramado em grande perda ;
O suor lavando o corpo, e o corpo tinto,
Dédalo em chagas, hórrido lab'ryntho !

XLV.

Então n'elle os imigos as perversas
Unhas cravão, e o corpo dilacerão
Novas chagas abrindo... Não diversas,
Negras f'ridas, Treseno, te macerão !
As espadas, entanto, em sangue immersas,
Cahidas no convéz inertes erão ;
Que tanto ás feras vale a propria garra,
Quanto ao vitello as prêsas com que marra.

XLVI.

Esvaído depois, perdido o alento,
O heróe guerreiro enfraqueceu na lucta...
Ao contrario valeu o atróz momento ,
A cólera, o furor somente escuta,
E o punhal, descarrega violento
Sobre o marujo, que na barba hirsuta
Procura do inimigo apoio ainda ;
Mas foge a mão, vacilla, e a lucta finda.

XLVII.

Furte-se a lyra ao mal pesado, immenso,
De contar-lhe do corpo as cicatrizes ;
A cabeça emplastando o sangue denso,
Sangue a bôcca, os ouvidos e narizes ;
Em cada nobre membro um rasgo intenso,
Que obriga a invejar por mui felizes
Os que morrem aos golpes do fuzil,
Ou de espada, e jamais de ferro vil.

XLVIII.

E porque possa o quadro glorioso
Aos olhos dos patricios amostrar se
Sem os erros do vate, só cuidoso
De havel-o aqui pintado sem disfarce,
Achareis no porvir quão primoroso,
Inspirado pincel vai deleitar-se
D'estas scenas de sangue, e dos horrores,
Que aos vencidos foi sorte e aos vencedores.

XLIX.

Toda a furia da acção vereis traçada
Do rio nesta estreita confluencia
De parcéis e de ilhotas povoadà ;
Dos canhões, dos fuzis a interferencia
Desde a vil bateria disfarçada ;
Vereis de tanto horror a permanencia ;
Dos fogos o incessante cruzamento ;
E o ar, em tôrno, escuro e pardacento.

L.

Vereis, erguido estatua de um gigante,
Centro e alma de todo o movimento,
Sobre os copos da espada rutilante
A sinistra apoiada, emquanto attento
Ergue a dextra no gesto dominante,
Que leva á *Parnahyba* novo alento :
Não lhe indagueis do nome, nem da fama,
Ouvi a eternidade, que o proclama.

LI.

Na fronte augusta a auréola de prata
Que da gloria o diadema prenuncia,
Ainda o forte peito se dilata,
E á coragem a força ainda allía.
Assim no passadiço da fragata
Vereis Barroso, como então se havia,
Do fumo e das metralhas envolvido
Mais colôsso que humano parecido.

LII.

Pedestal, a fragata que vomita
Catadupas de fumo das entranhas,
Ou dos flancos em chammas precipita
Vivas furias rugindo, e duras sanhas,
Que a lava de um volcão sequer imita.
Arqueja todo o bôjo quando extranhas
Impulsões a alavanca vai soffrendo,
Que todo o machinismo está movendo.

LIII.

E quanto vê Barroso, e quanto rege,
Os tiros, golpes, gritos e agonias,
A espada que degola, e a que protege,
Das aguas e do vento as melodias,
Pavor, furias, morte, nada elege,
Tudo aviva o pincel das primazias,
Do modesto pintor Victor Meirelles.
Que a ti confio, ó patria, por que o zeles.

LIV.

No fragor da peleja qu'inda dura
Mortifera inda mais e mais ardente.
Vozeia e salta alegre a gente impura
No convéz tripudiando impunemente.
É que se abrio mais outra sepultura,
E n'ella Pedro Affonso, que, valente,
De Marcilio vingava a dura morte,
De Deus recebe logo a mesma sorte

LV.

Porque, Barreto, calarei teu nome,
Se teu precioso sangue derramado
Inda o vigor dos membros te consome ?
No baptismo glorioso consagrado
Teu merito o olvido já não some.
Traçou imigo ferro o attestado,
Que prova teu valor, e recommenda
Os serviços a grande e justa prenda.

LV

Já por espaço longo batalhando
Não se mostra a maruja extenuada ;
Antes vão dos mosquetes redobrando
As vozes, quando morre acutilada
A gente, que combate, renovando
A quarta peça á pôpa collocada ;
E quando cáe dos sabres retalhado
O bravo Andrade Maia denodado.

LVII.

Assim da morte a barbara crueza
Vestiu de luto o exercito de terra.
Guardaste-o, Paraná, na correnteza
Levando muito sangue d'esta guerra ;
Mas no gemer das vagas a tristeza,
Que da patria saudoso o peito encerra,
Repetirás no teu correr dolente,
E os échos hão de ouvir-te eternamente !

LVIII.

Desce a verde bandeira da mezena
Subindo em seu lugar a paraguaya ;
Mas da historia a justiça não condemna,
Nem deixa que ligeira culpa caia
Sobre os bravos que o chefe Silva ordena ;
Pois teu sangue os absolve, nobre Maia,
A quem os céos poupárão quando vivo
Ver na descida o pavilhão captivo.

LIX.

Já que o numero vence vio Garcindo
E recúa ante a idéa de render-se.
O cansaço da gente presentindo
Quasi sem forças já para bater-se,
Do immediato a lembrança compartindo,
Evitando vencido submetter-se,
Manda á polvora atear ardente flamma,
E ouvem-n'o todos, e ninguem reclama.

LX.

Ninguem ; pois mais valêra á canhoneira
Partir-se em estilhaços, desfazer-se
Arrebatada aos ares, ou inteira
Submergir-se no rio, que render-se
Á feroz gente imiga e traiçoeira.
A guarnição não cessa de bater-se,
Do commandante ouvindo a voz querida,
Que vai de bordo a bordo repetida.

LXI.

O brado de Garcindo é renovado :
«Fogo ao paiol da polvora» se grita
Na corvêta de um lado e de outro lado.
Desterrando o *væ victis* d'alma afflicta
Solta cada marujo alegre brado ;
Para a coberta o guardião apita,
E desce rapido o escrivão Correia
O charuto a morder que o fogo ateia.

LXII.

Mudára da natura a lei constante
Se a um punhado de homens concedêra
Sobre outros mil erguer-se triumphante ;
Tambem, porém, mudára se vencêra
Aos peitos brazileiros o arrogante
Imigo, que o furor embrutecêra.
Para que Deus se mostre sempre Deus
Faz só possiveis nos decretos seus !

FIM DO QUARTO CANTO

Canto Quinto

RIACHUELO

CANTO QUINTO

I.

COLUMNAS de alabastro matizadas
De pedras de mil côres reluzentes
Sobre o sólo de nuvens perfumadas,
Onde brilhão estrellas resplendentes,
Sustentão curvas naves inflammadas
E n'ellas astros lucidos pendentes,
Mais brilhantes que o sol, que rege o dia,
Mais eternos que o ar, que o sol radia.

II.

De brando aroma fitas se ennovelão
Vindas do estrado para o claro espaço;
Umas descobrem outras, umas velão
Leves dobras, formando subtil laço:
Suspensos ninhos concavos revelão,
No ar movidos por occulto braço,
Todos da côr do fumo, ou côr do incenso,
Que o thurybulo manda aos pés do Immenso.

III.

Convergem para um centro rutilante
Onde alampada eterna brilha accêsa:
Fórma côres a chamma crepitante
Que rutíla reflexos e belleza
Das luzes variegadas do diamante.
Enlaçadas virtude e singeleza,
Innocencia, verdade, amor, bravura,
De archanjos trajão vestes e figura.

IV.

Em throno de esmeraldas e saphyras,
Diadema lampejante sobre a fronte,
Onde a chamma reflectem duas pyras,
Uma que aclara da virtude a fonte,
Outra que o odio some e some as iras,
Aos pés traçando a fama o horizonte
Que a dextra aponta no futuro certo,
Remoto ao mundo, mas do throno perto ;

V.

Na esquerda a concha que as façanhas mede
Aos sons da tuba em que descanta a fama,
Nos olhos luz, que no fulgir excede
De cada pyra a rutilante flamma,
No peito as flôres a que Venus cede
Olores santos que ao redor derrama,
Sentada rege a virgem da memoria
O templo consagrado á eterna gloria.

VI.

Para jamais morrerem deslembrados
Repete a fama á virgem altos feitos,
E os deixa eternamente registrados
Entre aquelles que vivem nos conceitos,
Dos sec'los e do mundo celebrados ;
Como as leis, o costume, sãos direitos,
Que dourão o porvir do povo nobre,
Que habita as plagas que o cruzeiro cobre:

VII.

« Dilectos filhos meus em pugna ardente
« Seus nomes consagrei no templo vosso ;
« Uns de modo finarão-se inclemente,
« E d'outros memorar os feitos posso ;
« De todos a lembrança, reverente,
« Eterna guardareis, tributo nosso
« Predito no baptismo sacrosanto,
« Que lhes doou da liberdade o encanto.

VIII.

« Livres nascidos, podem por ventura
« Á força extranha se render captivos?
« Elles, christãos, e de uma fé tão pura,
« Que a cruz conduzem á peleja altivos?
« Elles, que têm no coração bravura,
« Do vicio e medo se eximindo esquivos?
« Elles, que a força co'a bondade allião
« E da patria o porvir de Deus confião?

IX.

« Entanto, é certo, na feroz batalha,
« Que o templo vosso tem tornado em festa,
« Na qual de louros se talhou mortalha
« Á mocidade, cuja patria mésta
« A gloria d'ella já no bronze talha,
« Inda periga e muito o que hoje resta.
« Dá, virgem, que a Victoria a elles corra,
« Na lucta busque o chefe e os soccorra. »

X.

Visão bemdita que por Deus mandada
Do chefe o animo tranquillo alcança;
Nem o liso canhão, que aos échos brada,
Lhe póde dar do claro ouvir privança.
Por toda a esquadra, que lhe foi confiada,
Prompto a vista sagaz Barroso lança,
E vê cercada a *Parnahyba* forte,
E se a não soccorrer lhe adivinha a sorte.

XI.

Logo d'ella a *Amazonas* se avizinha
Ligeira na carreira salvadora;
Para um fim destinado se encaminha,
Do contrario tão rapida não fôra:
Corre, talvez, mudar a sórte azinha,
Pesando sem piedade e assoladora
Por sobre o vaso imigo e ultrajado
Da bandeira do povo amaldiçoado.

XII.

Enfrenta a *Parnahyba* sem detença ;
Bernardim Gustavino o leme alcança,
Sabe o chefe do vaso a força immensa ;
A prôa estreita corta a vaga mansa ;
O *Jejúy* impedir-lhe a marcha pensa
Não cuidando que á morte se abalança ;
Mas contra elle a fragata se arremette,
O costado lhe parte, e ao fundo o mette.

XIII.

Sobre o vaso dos tempos inflexivel
A mão pesando, o fez apodrecido ;
Á bicada por isso foi sensivel.
Chispa a cavilha, e geme no estalido
Todo o costado ; — e do rio ao nivel
A borda está do casco submergido,
Nas escarvas entrando o elemento,
Que esfria e ferve ao rodilhar do vento.

XIV.

Dos tripolantes, procurando a nado
Nas chatas e na margem salvação,
Quantos ao fundo abysmo congelado
Armas, esp'ranças, vida e corpo dão !
Quantos, o forte espirito alquebrado,
O pulso trazem ao cruel grilhão,
Aos quaes nobreza fôra e ar gentil
Nobre leito buscar no lôdo vil !

XV.

Sem tempo de medir do choque o effeito,
A segundo a fragata se aventura ;
Navegando á corvêta, vai direito
O beque já do *Salto* na procura ;
Do cortejo de morte innova o preito,
Que se affirma na solida estructura ;
Consistencia o madeiro férrea ganha,
E do *Salto* o porão ao sol se banha.

XVI.

Invade o susto a inimiga gente,
Que de Barroso diz, e pensa e clama.
Se alli no passadiço, permanente,
Manter-se póde acaso, prompto chama
Sobre elles a desgraça de repente.
O fuzil um por um contra elle inflamma ;
Mas impavido o imigo sempre o vê
Sorrindo á morte, e immortal o crê.

XVII.

Tambem Delfim no posto, bravo, assoma
Onde é grande o perigo e o sacrificio. . .
— Mas que auréola de luz dourando a coma
Descobre o vingador do gran convicio
N'um futuro de glorias taes que Roma,
De Carthago lembrando a ruina e exicio,
Cesarino renome, ou do africano,
Hade d'ellas haver sensivel damno ?

XVIII.

Condão divino, que o porvir me aclara!...
Á voz do heróe hade abalar-se a terra
Com medonho rugir, que se equipara
A mil trovões! Hade abrasado em guerra
Troar o bronze. aonde não chegára
A esp'rança ao menos que no peito encerra
Quem mede o impossivel das emprezas
Calculando as humanas fortalezas.

XIX.

Superior a estas, Deus governa
O mundo, a creação e o pensamento;
E por vezes no peito humano interna
O divino invencivel ardimento,
D'onde nasce ao mortal a fama eterna,
Qu'immortal o tornou n'um só momento.
Assim, guerreiro, surgirás um dia
Onde sómente um Deus surgir podia.

XX.

Sublime socio no celeste premio
Te auguro d'esde já, e aos teus auguro ;
Distincto no valor adorna o gremio,
Operario gigante do futuro,
Que o mar da patria guarda e o laudémio.
Cordovil tu verás, — no vôo seguro
Contra as aguas, o fogo, o ferro è o homem,
Nem penas, morte ou dôres o consomem.

XXI.

Anjo da gloria, de esplendor brilhante,
De bronze ardente o espaço, e o chão de flammas,
Nuvens de fumo em torno, e radiante
Singrando a via, aonde calca chammas,
Anjo da gloria surgirá ovante
Ao mundo sobranceiro ; — que estas famas
Não pertencem á fraca humanidade,
São do céo, do porvir, da eternidade !

XXII.

Busca o *Amazonas* ao *Marquez de Olinda*
E forte o embica no costado fraco.
Fracturado o convés, a prôa guinda
A peça, o trincanil, carreta e taco.
De Robles o commando alli se finda
Que não mais se transporta ao patrio Chaco,
Pois desce morto e frio o corpo immundo
Turvar do rio o lodaçal do fundo.

XXIII.

Contra o *Salto* a *Belmonte* investe a prôa
E o vaso adorna de Alcaraz mandado,
No instante em que, rugindo, o tiro echôa
Que deixa o forte imigo vulnerado.
Da *Parnahyba* ao mesmo tempo vôa
A bala, que no peito medalhado
Do velho e bravo Méza penetrando,
Cabral investe do geral commando.

XXIV.

Do *Tacuary* a gente, mal ferido
Seu almirante vê, fugir procura ;
Entretanto que o fogo repetido
Da *Belmonte* e *Mearim* nos assegura
Entre os presos do *Salto* o destemido
Alcaraz, cuja vida está segura,
Pensadas as feridas brandamente
Por quem usa, vencendo, ser clemente.

XXV.

Elle, porém, valente, evita o damno
De ficar, entre os nossos prisioneiro :
Ferve-lhe o sangue n'um furor insano ;
Momento azado espreita, e já ligeiro
Nos dentes faz pedaços todo o panno
Que as feridas ligava ; e assim primeiro
O sangue se lhe esváe, e alegre morre,
Do que lhe volve a sciencia que o soccorre.

XXVI.

Estala, geme, em chammas envolvida
Paraguary, do imigo abandonada.
O fogo a mata aclara, que, invadida,
Se vê dos fugitivos occupada ;
Emquanto toda a margem desprovida
Ficou tambem da tropa e canhonada,
Diante do valor, proeza rara,
Da forte canhoneira que encalhára !

XXVII.

Dos navios assim que se atrevêrão
Sem razão profanar a virgindade
Da *Parnahyba*, a quem os céos cedêrão
Sagrar o nome seu á eternidade ;
Dos navios que a infamia commettêrão,
O *Taquary*, que resta da trindade,
Nas azas do temor foge ao perigo,
E compartir evita do castigo.

XXVIII.

A cegueira da fuga o não separa
Da sorte merecida que evitava :
Mearim o rodizio lhe dispara,
Que Felinto Perry habil mandava,
E essa bemdita bala o peito vara
Do capitão, que a frota governava.
E Murinelli n'outra bateria
Um momento não deixa a peça fria.

XXIX.

Corre o *Iberá* o imigo protegendo
E lança á *Mearim* a bomba ardente,
Qu'estronda junto ao leme, padecendo
Funesta morte Torreão valente.
Perto eras, Podemonte, d'esse horrendo
Finar de que te exime um Deus clemente,
Quando inda tuas roupas se tingirão
Do sangue que as feridas despedirão

XXX.

Minão as aguas a montanha alpestre
A qual se desmorona a pouco e pouco;
Comsigo a terra a gramma traz silvestre
Deixando espaço vão no centro e ôco;
Allúe-se de repente a base mestre
E d'um som cavernoso, e fundo e rouco,
Range a montanha o extranho paroxismo,
Treme, despenha e rola para o abysmo.

XXXI.

Na margem a barranca, o parapeito,
Os bronzes á montanha se igualavão;
Na base, como as aguas, cavão leito
As balas que co'as bombas se cruzavão;
Abre fendas o sólo, o qual desfeito,
Co'as pedras, que a trincheira sustentavão,
Descalabra, se abala, e precipita
No rio o muro, o bronze, a gente em grita.

XXXII.

A luta se encarniça, furias cobrão
Com tal perda marujos e soldados ;
Certeiros tiros contra nós redobrão
Que, por tempo mais longo sustentados,
Não vive a crença, mas juizos sobrão
Ficavão nossos vasos destroçados.
Hora cruel de tétrica memoria
Essa foi precedendo-se á victoria.

XXXIII.

Quasi conjunctos fóra de combate
Na *Mearim* Barreto e Uchôa descem;
A Cesar de Loureiro a morte abate,
E de Abreu na *Belmonte*, porque cessem
As ordens em que a força se aquilate,
O commando as feridas já lhe empecem ;
Na *Parnahyba* fina-se o cadete
Pacheco, que se abraça ao bulinete.

XXXIV.

A farda rasga no hombro de Bandeira
Na *Iguatemy* a bala que na amura,
Bate, inutilisando-se a trincheira ;
A mesa do traquete uma outra fura ;
E da peça onde engata-se a vergueira
Achou-se dos olhaes a perda dura ;
Da bujarrona arrebentada a escôta,
Do trincaniz na alheita a borda rôta.

XXXV.

Tem dous dos escaleres submergidos,
Muitos cabos e driças rebentados,
Moitões e vergas, cadernaes partidos,
A lume d'agua os cobres estragados,
Na pôpa os calafêtos diluidos,
Na quilha os cavernames alagados,
Nem um ponto poupado do apparelho,
Perdido do convéz no mar vermelho.

XXXVI.

No costado tres balas artilheiras,
Duas a meia-náo, e destruida
Totalmente a casinha das bandeiras ;
Do gran-mastro a romã tambem partida,
Os cabeços faxeados, e baleiras
Sobre a chapa do toldo desprendida ;
Fóra do seu lugar o gurupés,
E rôtas por metralha as chaminés.

XXXVII.

A *Ypiranga* tem furos no velame,
Na prôa a bujarrona tem desfeita,
Nos rombos do costado o rio brame,
No convéz em pedaços jaz a estreita
Mesinha do traquete ; e o correiame
Nadando na coberta, onde se deita
O quarto da maruja que descança
Emquanto o vento sopra de bonança.

XXXVIII.

Reis, Costa, Guillobel, Brandão e Coito,
Almada o commissario, o bom Silveira,
Saraiva medico e Andrade affoito,
Faria responsavel da carteira,
Lauriano, Rodrigues e mais oito
Marujos, adestrados na maneira
De carregar o bronze, alli ostentão
Valor com que os imigos descontentão.

XXXIX.

Perde o *Amazonas* d'entre os marinheiros
Jardim, Bandeira, Vasconcellos, Bento ;
E Jaymes, que dirige os serralheiros,
Tambem attinge a seu final momento
Quando morre o melhor dos carvoeiros,
João na magua de cruel tormento,
O guardião seguindo mallogrado
Leandro de Gouvêa metralhado.

XL.

Companheiros lhes são na eternidade
Chico, Roberto, Estevão, Costa, infantes
Aos quaes resgata a morte da saudade
Dos que na gloria entrárão triumphantes.
E nem poupa da sorte a crueldade
Aos bravos mal-feridos tripolantes
Rezende, Silva, Costa e Virgolino,
Faria, Rocha, Mello, Gil, Sabino.

XLI.

Estes, Bispo, Rodrigues, Silva e Santos,
Moreira furriel, e o anspeçada
Oliveira, Anacleto, Lima e tantos
Por cujo sangue a nodoa foi lavada,
Que á patria nossa trouxe o luto e prantos,
Levados são á tolda destinada
A tranquillo repouso e tratamento,
Onde Marques já fôra e Nascimento.

XLII.

Menezes era ahi doente e grave
Quando a lucta gigante se travára ;
Sem temer que a molestia se lhe aggrave
De Leocadio a nobreza renovára,
E—prompto—se apresenta, porque lave
Seu sangue o estandarte que abraçára.
Mais doente que ambos a fragata altiva
Some no bôjo as balas... e eil-a viva.

XLIII.

Da prôa a roda e béque espedaçado,
Os dormentes da machina offendidos,
Na carvoeira o bombordo perfurado,
Os váos reaes embaixo contundidos,
E varado o vapor de lado a lado,
O trincanil e portaló partidos,
Não fazem do prejuizo toda a conta,
Que a relação do chefe á historia aponta.

XLIV.

Pois na caixa das rodas por davante
Do lado d'estribordo tem um furo,
Na grandeza outro áquelle semelhante
Onde o ferro da róca está seguro ;
Cabrestos, patarrazes, cabrestante,
Cabos fixos de branco linho puro,
E outros de laborar estão cortados,
E seus tres escaleres arrombados.

XLV.

Mas nos peitos dos bravos que o guarnecem,
Com o ruido dos golpes e dos tiros
O valor, ardileza e força crescem.
Deixa abertos a machina os respiros
Que, soltando o vapor, a marcha empecem,
E findão dos marujos os martyrios,
Que abordados se vêm de imiga gente
Que os ajuda correndo á lucta ardente.

XLVI.

Barroso a teu convéz os olhos manda
Valente *Parnahyba* não domada :
E vê Pestana altivo que commanda
A brava guarnição entrincheirada ;
Vê Pompêo, que os furores rege e abranda
Da gente n'um rodizio occupada.
Emquanto n'outro Pederneira deixa
Que os seus expandão motivada queixa.

XLVII.

E vê Affonso Henrique sustentando
Ao lado de Pestana os seus deveres ;
Simões, o commissario, que deixando
A coberta, onde tem seus afazeres,
Sóbe acima sem ordens do commando.
Mas nem ordens querendo, nem poderes,
A caronada avante descarrega,
E o projectíl no *Taquary* se emprega.

XLVIII.

Dos officiaes em meio se estrondára
A metralha, que a dous feriu nos peitos ;
Uma caixa das rodas se quebrára,
E passadiço e turcos são desfeitos.
De Barroso, que o caso presenciára,
Sendo notados os estragos feitos,
Manda louvar o forte commissario
Por serviço maior que o ordinario.

XLIX.

Sem que cessem ainda os baldos tiros
Os imigos canhões, já d'impotentes
Compassão seus estrondos ; — poupão gyros
Aos piões os rodizios reluzentes ;
Falha o soccôrro aos invasores diros,
E o ar echôão vivas estridentes
Da corvêta, que viu suspensa a ordem
De Garcindo, que os zoilos já não mordem.

L.

D'alli, da *Parnahyba*, os vencedores,
Ao passo que os imigos precipitão
No rio, que atravessão nadadores,
A direcção dos tiros lhes evitão,
Pois só ferem nas costas os traidores.
A alguns «rendei-vos, entregai-vos,» gritão ;
E de presos oitenta a conta faz
O mandante do *Salto*, o Alcaraz.

LI.

Já os échos repetem dos tambores
O rufar, e dos hymnos da victoria
Estrepitão ruidosos os clangores.
Que não seja em teu animo illusoria
A esperança, Hunholtz, que os favores
Te promette de fama e d'alta gloria.
Na caldeira o foguista a chamma esperta
Á tua voz, e a machina liberta.

LII.

Logo o vapor o movimento enceta ;
Da pôpa a espuma some-se ligeira,
E a *Araguary* se parte como a setta
Do *Taquary* seguindo a branca esteira.
Mas tocando vai quasi o dia á meta,
E Hunholts, que rege a canhoneira,
Ordena á machina um supremo esforço,
Como se o vaso navegasse em corso.

LIII.

Não se encurta a distancia que os separa,
Que é leve o medo na fugida ao menos ;
Mas tanto a canhoneira se isolára
Que olhos amigos a não vêm serenos.
Céssa a corrida... Hunholt' os céos encára,
Descobre a fronte e coma aos ventos plenos,
E jura e toma o céo por testemunha
De ser o céo que regressar lhe impunha

LIV.

Compr'ende a guarnição seu commandante
E o saúda orgulhosa em altos brados.
Mui pouco era o navio então distante
Da margem que os imigos enraivados
Inda abalão co'o bronze retumbante.
Por prival-os da posse dos salvados
Qu'inda o *Jequitinhonha* guarda em si,
Aos marujos Hunholtz falla assi ;

LV.

«D'entre vós, dos mais bravos, eu preciso
«Seis homens para empresa que, arriscada,
«Póde lhes dar da vida o prejuizo.
«Dos turcos a canôa libertada,
«Empunhe cada bravo um remo liso,
«E á pobre canhoneira alli varada
«Navegando, lh'encrave os bronzes fidos,
«E seus tiros seráõ jamais ouvidos.»

LVI.

Não era dito, e a guarnição descia
Veloz, inteira, soçobrando o guigo !
De Hunholt'os labios o sorrir floria,
O ardor dos seus elogiando amigo.
Mas já no leme o guardião regia
Os seis, lançando-se ao fatal perigo,
Entre os clamores da companha forte,
Dos escolhidos invejando a sorte.

LVII.

E sulca as aguas a canoa leve
Qual aguia altiva percorrendo os ares ;
Batem os remos o compasso breve,
Fervem ondas de espuma nos lugares
D'onde a pá suspendeu, e adiante deve
Novas ondas fazer ; fingindo os mares
Quando o bando das garças pouso ganha,
Bate as azas, mergulha e as pennas banha.

LVIII.

É de balas e fumo a tempestade
Que assalta os navegantes ; e troveja
O bronze na barranca, onde a maldade
Impotente nas iras esbraveja ;
Plumbea nuvem os ares tolda, invade ;
E outra, e mais outra, sem cessar dardeja
O imigo, que se espanta e maravilha
Da canôa, que ainda as aguas trilha.

LIX.

A gente amiga, d'entre o fumo denso,
No peito a duvida, que a dôr acalma,
A bordo, entanto, o respirar suspenso,
Dos olhos segue a canoinha calma.
Esta resvala sobre o abysmo immenso,
E nelle espalha as pérolas, que d'alma
O pranto fingem, quando fino cáe
Dos roseos cilios, que o soffrer contráe.

LX.

Cedo o passo vencido, o vaso montão
A meio submergido ; e o trabalho,
Que incumbido lhes fôra, lésto apromptão.
Sôa nos bronzes o pesado malho
E, encravados depois, logo os desmontão.
Deixando a canhoneira já desqualho,
Para bordo regressão, e contentes
Chegão salvos dos tiros estridentes.

LXI.

Nos reparos que o vaso necessita
Divide agora o commandante a gente ;
E dirige-se ao pratico, e o concita
A que desça e navegue docemente
Reunindo-se á nobre esquadra invicta.
Tres milhas navegára de repente
A *Araguary*, que trinta prisioneiros
Guardados traz por quinze marinheiros.

LXII.

Só então a *Belmonte*, desdobrando
Tres signaes combinados na mezena,
Co'a viração do norte fluctuando
Os mostra a toda esquadra; e a pequena
Enseiada da praia demandando,
N'ella encalha virando de querena,
Que a muita agua que o vaso recebia
O trabalho das bombas não vencia.

LXIII.

Contão-se então os rombos do costado
Que tem quarenta balas artilheiras,
E está das de fuzil todo crivado ;
Diversas avarias nas carvoeiras,
E o apparelho tambem despedaçado.
Do mesmo modo as outras canhoneiras,
E em todas, concertando as avarias,
Solta a maruja alegres vozerias.

LXIV.

Renovando o seu theatro de proezas
Expellem da batalha os dissabores,
Os serviços lembrando e gentilezas
Que reclamão da patria os seus louvores.
Dos estragos na cópia e nas grandezas,
E no damno dos vasos vencedores.
Vendo o extremo a que forão reduzidos,
Calcule quem puder o dos vencidos.

LXV.

D'estes apenas vê-se mergulhado
Inteiro o casco do *Jejúy* desfeito ;
Paraguary tambem, que de abrasado
O rio aclara, qu'inda tem sujeito
Bom numero de chatas ; e varado
O *Salto*,—e limpo e livre todo o leito
Dos navios contrarios, cuja vida
Á vergonha da fuga foi devida.

LXVI.

A lucta assim findou. Cedeu a ira
Ao valor, á razão, a primasia ;
Nem jamais a victoria decidira
O furor, que aconselha a barbaria.
O escudo da justiça vos cobrira,
O sol da liberdade vos luzia,
Soldados laureados pela gloria,
Cujos nomes e feitos são da historia.

LXVII.

Mas cesse o vate o desmaiado canto.
Nem commente o valor, o ardimento
Dos feitos estrondosos ; nem o espanto
Diga do mundo ; nem o valimento
De eternos, quaes aquelles que Lepantho
Viu levados na lyra ao firmamento.
A vóz dos tempos cante o seu valor ;
Não os pode pintar humana côr.

LXVIII.

Já da noite as alampadas accêsas
Annuncião a aurora que se alinda:
Erguei-vos, vós, que amais, ó almas presas
Ás esperanças, que afagais ainda;
Emquanto á sombra eu volvo, e ás tristezas
Da minha rude vida, que se finda,
Assim erma de gloria, como o peito
Ficou dos risos ermo, á dor sujeito.

FIM.

NOTAS

CANTO PRIMEIRO

Pagina 41.

Barroso, invicto chefe que mandava...

Francisco Manoel Barroso da Silva, filho legitimo de Theodosio Manoel Barroso e de D. Antonia Joaquina Barroso da Silva, nasceu em Lisboa no dia 29 de Setembro do anno de 1804.

Theotonio de Brito commandava

Theotonio Raymundo de Brito, filho legitimo do chefe de esquadra Diogo Jorge de Brito e de D. Joaquina de Santa Rita Brito, nasceu no Rio de Janeiro em 31 de Agosto de 1821.

Pagina 43.

Com a insignia do chefe Segundino

José Segundino de Gomensoro, nasceu em 1 de Julho de 1812 na colonia do Sacramento, filho de Bernardo José de Gomensoro e de D. Xaviera Alvim.

O bravo e douto Pinto commandante

Joaquim José Pinto, filho legitimo de Francisco José Pinto e de D. Maria Maxima das Neves, natural de S. João da Barra, onde nasceu em 1826.

Abreu, que fez prodigios de bravura.

Joaquim Francisco de Abreu, filho legitimo de Antonio Francisco dos Santos Abreu e de D. Perpetua da Silva Santos, natural do Rio Grande do Sul, nasceu em 13 de Março de 1836.

Pagina 44.

que o nome a todos chegue de Garcindo

Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, filho legitimo de Mathias José Fernandes de Sá e de D. Felippa Maria de S. Thiago, nasceu em Sergipe no mez de Agosto do anno de 1829.

o moço Coimbra, capitão valente

Justino José de Macedo Coimbra, filho legitimo de José Ignacio Coimbra e de D. Anna Luiza Macedo, nasceu no Rio de Janeiro em 1826.

regida por Barbosa docemente

Elisiario José Barbosa, filho de Anacleto José Barbosa e de D. Maria Joaquina Alves dos Santos, nasceu na Bahia aos 27 de Setembro de 1830.

Pagina 45.

por Hoonholtz era aquella governada.

Antonio Luiz von Hoonholtz, filho legitimo de Frederico Hoonholtz e de D. Joaquina Alt, nasceu no Rio de Janeiro no dia 9 de Maio de 1837.

de Sant'Anna, que a imiga terra cobre.

Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, filho legitimo de Bonifacio Joaquim de Sant'Anna e de D. Maria do Carmo, nasceu no Rio de Janeiro em 5 de Junho de 1822.

De ter Carvalho chefe se apavona.

Alvaro Augusto de Carvalho, filho legitimo de Luiz José de Carvalho e de D. Florentina Luiza de Carvalho, nasceu em Santa Catharina no dia 7 de Março de 1829.

CANTO TERCEIRO

Pagina 89.

a Julio Carlos de Teixeira Pinto.

Julio Carlos de Teixeira Pinto, filho legitimo de João Baptista Teixeira e de D. Maria Rosa Pinto de Araujo, nasceu no Pará em 7 de Janeiro de 1842.

Pagina 92.

do douto Guimarães não morre a fama.

Dr. José Pereira Guimarães, nomeado 2.° cirurgião do corpo de saude da armada em 15 de Março de 1865, embarcou a 20 d'esse mez para bordo do *Recife*, e seguio n'esse vapor para Montevidéo, onde chegou no dia 1.° de Abril; sendo no dia 7 transferido para a *Belmonte*.

O seu procedimento durante a batalha do *Riachuelo*, o fez estimado e respeitado de toda a esquadra.

Rolin . . . . .

Francisco Goulart Rolin, filho do capitão Alexandre Francisco Torres Rolin e de D. Luiza Florinda Goulart Rolin, nasceu na Ilha Grande, provincia do Rio de Janeiro, em 2 de Maio de 1840.

. . . . . Alvarim Costa . . . . .

José Antonio de Alvarim Costa, nasceu no Rio de Janeiro no dia 3 de Março de 1841.

Pagina 118.

ao bravo Pimentel pertence agora.

Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel, filho legitimo de Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel e de

D. Francisca Claudina dos Reis, nasceu na provincia de Minas-Geraes em 2 de Novembro de 1841.

Pagina 119.

É que Santos, o joven.....

José Gomes dos Santos, filho de João Ignacio dos Santos, nasceu no Rio de Janeiro em Novembro de 1844.

Pagina 131.

assim, Barros, cahiste agonisante.

Francisco José de Lima Barros, filho legitimo de Francisco José de Lima Barros e de D. Maria Barbosa Lisboa Barros, nasceu no Rio de Janeiro em 20 de Julho de 1847.

Lacerda forte.....

Manoel Nogueira de Lacerda, filho legitimo de José Nogueira de Lacerda e de D. Francisca Rosa do Carmo, nasceu no Rio de Janeiro em 18 de Janeiro de 1843.

.....e Freitas valoroso.

Francisco José de Freitas, filho legitimo de Francisco José Freitas e de D. Maria Antonia de Oliveira Freitas, nasceu na Bahia em 13 de Abril de 1840.

Acabado de imprimir
aos 28 de Dezembro de 1904, nas
officinas typographicas
do
"Jornal do Commercio"

20.